N.º 254 — 11.º ano

16-JULHO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12$00;** pelo correio à cobrança **Esc. 13$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 254 — 11.º ANO
16 — JULHO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

NESTA época de veraneio, em que todos se preparam para o sossegado goso de umas férias bem merecidas, os mantenedores da paz mundial irão fazer também a sua cura de repouso?

Emquanto se prepara a Conferência de Bruxelas, com ou sem convite á Alemanha, esta trava do braço delicado da Austria e segreda-lhe que, em boa amizade, reconhece a sua independência e não se intrometerá nunca mais nos seus negócios. A Austria, lisongeadissima com a gentileza germânica, pensa — e muito bem — que uma tal condescendência lhe deixa o tempo livre para obsequiar em sua casa os Habsburgos, desde que não haja escândalo... e a Jugoeslavia não saiba...

Sôbre o Mundo paira, nêste momento, um espectro terrivel que parece sorrir diabólicamente de todos os subterfúgios empregados pelos tais mantenedores da paz mundial que, de um dia para o outro, podem transformar-se em ferozes fomentadores da guerra.

A dezoito anos da assinatura do Tratado de Versalhes, quem nos diria que a nação vencida havia de esfarrapar êsse documento mais inutil que as notas de marcos em 1918? Sim, porque êsses rectangulos de papel ainda foram vendidos por bom dinheiro a muita gente boa, ao passo que o *diktat* de Versalhes não renderia quinze tostões em qualquer estabelecimento de mercearia. Para embrulhar açúcar ou manteiga, é sempre utilizado papel em branco — e o referido tratado está, como se sabe, todo garatujado por vários senhores de boa letra.

Quem nos diria que a Alemanha se estaria armando melhor e mais fortemente do que em 1914?

Segundo informação do «News Chronicle», a Alemanha está trabalhando de dia e de noite no fabrico do mais aperfeiçoado e mortífero armamento. Os operários das fábricas de guerra obrigam-se a guardar segrêdo sobre o que sabem, sendo, ainda assim espiados tão estreitamente, que até os passos dados na sua própria casa são contados. Desta maneira é que se encobre a verdadeira actividade industrial de diferentes cidades, como, por exemplo, Hamburgo, Sttettin, Bremen, Kiel, Koenigsberg, e muitos outros. Hamburgo e Bremen são os centros essenciais dessa grande corrida aos armamentos, em que a celeridade é um dos factores principais. Constroem-se, em massa, aviões e submarinos, e treinam-se aos milhares pilotos e apontadores.

Em Fuelhsbutter, perto de Hamburgo — diz ainda o «News Chronicle» — está em construção um aerodromo com 20 hangares, com o comprimento de 80 metros, largura 35 e altura 8, podendo abrigar 200 aviões que serão manobrados por 398 pilotos. Ha também hangares subterraneos. Em Luneburgo constroem-se 12 aerodromos, 6 dos quais subterraneos. Aldeias inteiras foram destruidas em exercicios de bombardeamento, depois de evacuadas pelos seus habitantes. Cita ainda uma fábrica que constroi 9 aviões por semana e já deu prontos 200 aparelhos tipo «Junker», e denuncía várias regiões e cidades em que se construiram aerodromos nomeadamente Wiek, na ilha Ruegen, em que se podem reunir 250 aparelhos.

Quem poderia supôr uma coisa destas? Poderemos gosar sossegadamente as nossas férias de verão?

■

Enquanto o Mundo se aflige numa pungente ansiedade, sem saber vislumbrar o que poderá ser o dia de amanhã, surgem outras pequenas vítimas — os estudantes — nêste doloroso período de exames. Chegou a altura de pagarem as faltas tão levianamente cometidas.

Nesta época angustiosa, os estudantes lembram, na sua maioria, as várias nações do mundo que só nos momentos de rude prova é que se apercebem da necessidade imperiosa de se preparar contra os perigos que as ameaçam.

Quantos e quantos rapazes passam o ano todo em evasivas engenhosas e cabulices estafadas, na ingénua pretensão de iludir os mestres, como se estes não soubessem, por experiência própria, como estas coisas se fazem!

E então, vá de pegar nos livros á pressa, calculando que umas curtas horas de estudo chegam para ganhar o que se perdeu em longos meses!

Vem a propósito contar o «chumbo» apanhado por um rapaz tão insinuante como descuidado nas suas lições.

Estudar constituía para êle o mais atroz suplício. No entanto, não queria desgostar os pais que, á custa de inúmeros sacrifícios, lhe preparavam um brilhante futuro.

Em vez de se agarrar aos livros, passava as noites no Casino, absôrto na dolência encantadora dum tango em voga, e que começava por estas palavras:

A culpa foi daquêle maldito tango!...

Quando chegou o momento pavoroso do exame, o professor, embirrando para o latim, ordenou com a voz soturna dum inquisidor:

— Enuncíe o verbo *tango*.

— Tango... Tango... Tango... — balbuciava o aluno na maior das aflições.

— Conjugue — insistia o professor cada vez mais carrancudo — então o senhor não sabe conjugar em latim o verbo *tocar?*

O aluno suava por todos os póros. O verbo *tocar!...* ainda se fôsse o verbo *dançar* na sua mais bela execução!...

— *Tango, tangis...* — auxiliava o professor na bondosa ideia de lhe avivar a memória.

— Tango... tango... — murmurava o rapaz cada vez mais atrapalhado.

Ante um tal estenderête, o professor não esteve com mais complacências, e vibrou-lhe o golpe de misericórdia indicado pelo júri:

— Pode retirar-se.

O estudante, ao atravessar a sala sôb os olhares espantados de todos os presentes, lembrava-se das deliciosas noites do Casino em que perdera o melhor do seu tempo absôrto na dolência do seu tango predilecto. Recordava-se de tudo, avaliava tardiamente o seu êrro, e, ante os olhares que o crivavam como balas, e os murmúrios dos condiscipulos que o recriminavam por não saber conjugar um verbo tão fácil, limitou-se a trautear na sua voz harmoniosa:

A culpa foi daquêle maldito tango!...

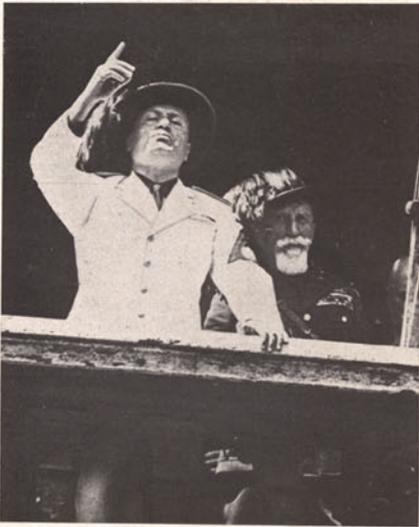
E nunca a deliciosa canção argentina teve mais sentido e sincero intérprete...

Desta vez, não podemos calcular o que irá passar-se; mas, se não fôr o *tango* (verbo latino ou dança de Buenos Aires, para o caso pouco importa) há-de ser o futebol, o cinema ou qualquer das muitas distracções de que os rapazes de hoje usam e abusam sem a menor consideração pelo seu futuro.

Nessa altura aflitiva não tornem as culpas aos divertimentos em que se empolgaram, nem a quem os desencaminhou, mas a si próprios por não saberem pensar.

NAS TERRAS ÃO DE JUDÁ

Os abexins pens supremo esfôrço

para a reconqu sua independência

Mussolini discursando da varanda do Palácio de Veneza, tendo junto de si o marechal Bono

NAQUÊLE dia em que Sua Majestade o Negus da Abissínia se dirigiu, cheio de esperança, à Sociedade das Nações, a solicitar apenas um auxílio material e financeiro que lhe permitisse poder continuar a resistir à nação que lhe invadia os seus domínios, todos calcularam que o velho império do Leão de Judá havia tombado ante a violência dos ataques sofridos.

A Etiópia, à semelhança duma herdade mal administrada, mudara simplesmente de dono.

O Negus declarou, alto e bom som, que se decidira a comparecer em Genebra, na firme intenção de testemunhar irrefutavelmente o crime perpetrado contra o seu povo, após ter recusado sempre tôdas as vantagens pessoais que a Itália lhe propunha com a condição de atraiçoar os seus sagrados deveres!

"Os exércitos italianos — afirmou o Negus — começaram por atirar bombas lacrimogénias, mas, em face do seu nulo efeito, recorreram então aos líquidos corrosivos. Quando do cêrco de Macalé, o govêrno italiano mandou instalar difusores nos aviões, e êstes, por grupos de 5, 10 ou 15, espalhavam camadas contínuas de gás de iperite por todo o país. Homens, crianças, mulheres, soldados, aldeias, cidades e campos, tudo foi inundado de gás mortífero... Milhares de vítimas inocentes sacrificadas ás ambições do invasor...

"Que teria a Etiopia de mais ou de menos que em 1926, quando foi assinado o tratado de amizade com a Itália? Não parece que na Etiopia haja agora mais desordem do que há dez anos quando a Itália nos abria os braços, fingindo-se nossa amiga.

"O govêrno de Roma — salientou o Negus — teve sempre em mira a conquista da Etiópia, e, tanto assim, que ainda há pouco afirmou estar preparando há 14 anos a conquista actual. Portanto, quando assinou o pacto de amizade com a minha nação, e quando assinou o pacto de Paris, a Itália já tencionava violar a sua assinatura».

Depois, o Negus evocou os começos da guerra, e patenteou a luta desigual entre um país de 42 milhões de habitantes, apetrechado com todos os recursos da sua indústria, e o pequeno povo etíope — 12 milhões de habitantes, sem armas nem outra assistencia senão o da Sociedade das Nações! "Eis porque puz tôda a minha esperança nos compromissos da Liga de Genebra — e, conseqüentemente, no seu cumprimento. Nunca pedi a qualquer das potencias aqui representadas que derramassem o seu sangue em defesa da Etiopia; pedi tão sòmente — e várias vezes — ajudas financeiras para comprar armas e munições. Sempre me recusaram êste auxilio... Vai então abandonar-se a Etiópia ao seu agressor?»

Como resposta à própria pregunta, o Negus declarou com a maior sinceridade que, tanto êle como o govêrno e o povo etíopes, continuarão a manter as suas reivindicações, empregando todos os meios ao seu alcance para fazer respeitar o pacto.

E, em dado momento do seu discurso, Hailé Selassié faz esta interrogação:

"Ás grandes potências que prometeram a segurança colectiva às pequenas potências como a Etiópia, pregunto: quais as disposições que vão tomar?

E, em meio dum silêncio de morte, o Negus terminou o seu formidável discurso com esta pregunta fulminante:

"Representantes das nações do Mundo: que resposta devo levar ao meu povo?»

A resposta estava dada há muito tempo, pelo menos tudo o fazia supôr. A Sociedade das Nações, lamentando profundamente o incidente que estava causando milhares de vítimas, limitava-se a ficar na espectativa, visto não ser lícito criar novos conflitos que poderiam ensangüentar o Mundo... A trágica visão de 1914 estava ainda muito recente.

A Inglaterra, usando de tôda a sua prudência, não evitou que Lloyd George, sacudindo a sua juba antiga que, apesar dos anos, ainda tem cabelos loiros, gritasse ao govêrno em plena Câmara dos Comuns:

— "O que se está passando é uma cobardia! E os cobardes — rugiu êle apontando a bancada dos ministros — ei-los ali!

No entanto, com ou sem cobardia, o conflito parecia liquidado. De repente, o cadáver do império etíope parece galvanizar-se, erguendo a face trigueira e altiva à luz do sol.

O Lázaro ressurgiu, graças ao milagre do seu amor pátrio.

Qual será o desfecho da guerra italo-abexim?

Segundo as últimas notícias recebidas de Djibuti — e que a Itália confirma — a guerra recomeçou, prometendo tomar maior incremência do que no seu início.

Numa das entrevistas concedidas à Imprensa pelo imperador Hailé Selassié, vincava-se profundamente a grande fé que ainda o animava.

"Menos de metade de Etiópia — disse o Negus — está ocupada por fôrças italianas, e, mesmo nesta parte, a ocupação é muito precária. A resistência acentua-se cada vez mais, favorecida actualmente pela estação das chuvas, que impede o avanço italiano, e ameaça muito sèriamente as linhas de comunição do invasor».

Seguidamente, sob o ponto de vista político, Negus declarou ter confiado os poderes necessários para a administração política, jurídica e militar da Etiópia ao govêrno da regência que se encontra estabelecido actualmente em Goré, e com o qual se encontra em comunicação directa.

E salientou com a maior convicção: "É inútil repetir que o povo etíope, seja qual fôr a região a que pertença, seja amhara ou galla, cristão ou muçulmano, é e continuará sendo sempre etíope, fiel à sua pátria e ao seu imperador. À medida que a população se apercebe dos efeitos da ocupação inimiga, o sentimento nacional acentua-se e a resistência contra o invasor torna-se mais intensa».

Estas palavras do Negus são plenamente confirmadas pelo que se está passando na Etiópia.

O "rás» Imru apronta-se activamente para atacar as guarnições de Dessié e Gondar, tendo feito já várias incursões e "raids» nos territórios ocupados no nordeste, numa extensão de 50 a 80 quilómetros.

Acresce que, apesar da rebeldia que as tribus da parte occidental da Abissínia sempre manifestaram ante o poder do Negus, o sentimento patriótico fez esquecer paixões mesquinhas, unindo-se todos contra o inimigo comum. Está sendo conseguida finalmente na Abissínia uma séria organização militar que permitirá uma resistência terrivel tanto mais que os jovens chefes etíopes, educados à europeia, estão organizando guerrilhas que chegam a ser mais proficuas do que os grandes choques em batalha campal.

Diz-se ainda que os etíopes têm um plano com o seguinte objectivo: tornar impossiveis as comunicações ferroviárias entre Addis-Abeba e Djibuti, multiplicar os assaltos nocturnos, organizar tropas regulares, encarregar o "rás» Imru de não dar descanso aos italianos, e organizar a resistência a oeste.

Mais se afirma que o exército etíope, constituido pelos veteranos de Sassabanech, e concentrado em Sidano, na região dos lagos, faz uma destruidora guerra de guerrilhas, enquanto que outras fôrças, a 70 quilómetros de Addis-Abeba, atacam os italianos. enterrados na lama com armas e bagagens.

Ora, as últimas notícias vindas de Zeila, na costa da Somália inglesa e do Sudão anglo-egípcio continuam a assinalar o intenso recrudescimento da actividade militar dos etíopes, estando o govêrno provisório da Abissínia coordenando activamente todos os preparativos para o recomêço da guerra, visto ter chegado o almejado período das chuvas. Compreende-se que as constantes inundações tornam impraticaveis os aeródromos estabelecidos pelo invasor com o feito de assegurar as suas posições. Assim, na maior parte dos campos, os aviões italianos só muito dificilmente podem deslocar-se, o que torna cada vez mais difícil a posição dos italianos, cujo moral parece extremamente abalado.

O Negus no momento de partir para Genebra

A Sociedade das Nações

O Negus lanchando no Grosvenor House

As guerrilhas etíopes continuam a fazer das suas, aproveitando tôdas as astúcias e ardís. Entre as muitas proezas cometidas, cita-se o massacre de Jimma, no qual, segundo o comunicado oficial de Roma, perderam a vida o general Magliocco, comandante da aviação italiana na África Ocidental; o coronel Caldirini, o célebre aviador Locatelli, o engenheiro Troso, e mais trinta combatentes de menos nomeada.

E a luta, pelos modos, continua com todo êste encarniçamento.

Ao que parece, o silêncio da Sociedade das Nações ante a pregunta do Negus que desejava saber qual a resposta a levar ao seu povo, foi o alento que virificou o arcaboiço agonizante do Império Etíope, levando-o a tentar o último sacrifício...

Recolherão algum benefício desta nova resistência, ou apressarão, com tal atitude, o golpe de misericórdia que o inimigo, apesar de mais poderoso, parece hesitar ainda em vibrar-lhes?

Será uma ressurreição ou um suicídio? Seja como fôr, os etíopes, ante o poder de Roma, não querem passar as forcas caudinas, nem soltam o cântico do *Avé Cesar, morituri te salutant*, que o imperador romano tanto gostava de ouvir do alto da sua tribuna doirada.

Se tiverem de morrer, os etíopes estão dispostos ao sacrifício, mas de armas na mão e uma praga nos lábios, como êsse valoroso Spartacus, cuja proeza ainda hoje assombra o Universo.

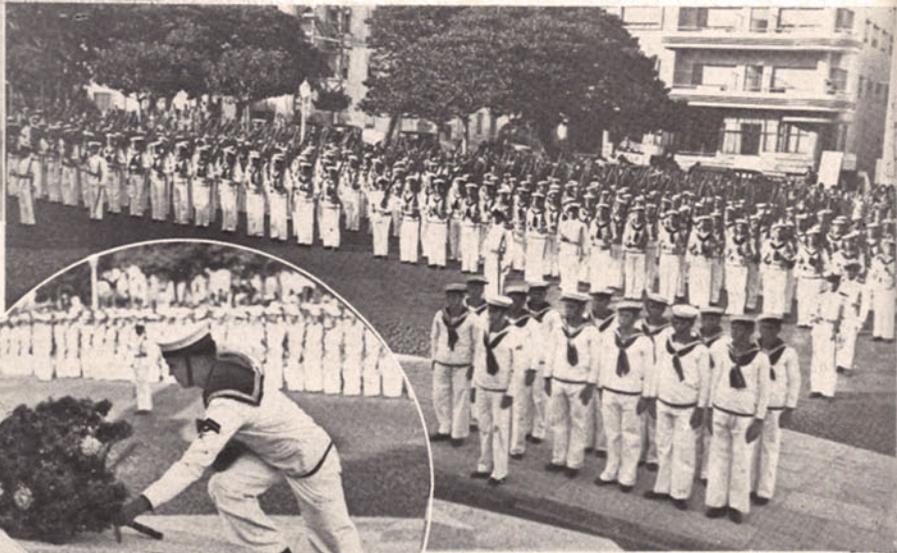
Amam a sua pátria — e daí a sua justificada rebeldia.

O negus, acompanhado pelos seus filhos, embarca para Genebra

NOTICIAS DA QUINZENA

O 156.º aniversário da Casa Pia

COMEMORANDO o 156.º aniversário da Casa Pia, os alunos, antigos e actuais desta tão benemérita quão prestimosa instituição, foram depôr flores no monumento aos Mortos da Grande Guera. A cerimónia, pela sua singeleza e sinceridade, comoveu todos os presentes, tanto mais que estes, alheios a ostentações e vaidades, apenas tinham ido ali, em piedosa romagem, levados pelo coração.

Os alunos da Casa Pia em frente do monumento aos mortos da Grande Guerra. — A' direita: *Os novos marinheiros formados em frente do mesmo monumento.* No medalhão: *Um marinheiro depondo o ramo de flores*

Os novos marinheiros

OS recrutas da nossa Armada, os novos marinheiros de Portugal foram, numa parada grandiosa, prestar homenagem aos Mortos da Grande Guerra. O desfile, através das ruas de Lisboa, constituiu um espectáculo tão belo que dificilmente se apagará da nossa memória. Esses trezentos e setenta recrutas da Armada, impecáveis nas suas fardas brancas, simbolizavam a energia indomável duma raça que, deslumbrada pelas miragens do Vedor de Sagres, «foi abrindo aqueles mares que geração alguma não abriu». Junto ao Mortos da Grande Guerra, todos êsses novos marinheiros deveriam ter sentido o ímpeto formidável do grande marinheiro Carvalho Araújo ao sacrificar-se heroicamente pela Pátria que lhe fôra berço.

O Chefe do Estado, acompanhado pelos srs. ministro do Comércio e general Amilcar Mota na parada do quartel da Esperança. A' direita: *Exercicios de ginástica e de escadas italianas nos Sapadores Bombeiros.* — Em baixo: *O Chefe do Estado na Associação dos Empregados do Comércio de Lisboa*

Sapadores Bombeiros

REALIZANDO as suas provas finais, os recrutas da quinta encorporação dos bombeiros de Lisboa efectuaram no quartel do Esperança os mais arriscados exercicios a que assistiram os srs. Presidente da Republica, ministro do Comércio e sub-secretários da Guerra e Corporações. Após demonstrações de ginástica aplicada, barra e saltos, subidas de cabos e com escadas de ganchos e exercicios de escadas italianas, ficou a impressão nítida e absoluta de que a população lisboeta pode dormir tranquila porque pelas suas vidas estão velando sempre êsses valorosos domadores de chamas que em todos os momentos trágicos aparecem, numa intrepidez formidável, a salvar os desventurados em perigo.

Empregados no Comércio

A prestimosa Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comércio de Lisboa, comemorando o 64.º aniversário da sua fundação, prestou homenagem ao sócio mais antigo, sr. José Caetano Mendes, cuja longa vida de trabalho e honradez bem merece ser tomada como exemplo. Assistiram à sessão solene o sr. Presidente da Republica, o ministro do Comércio, Sub-Secretário das Corporações e Previdência, tendo sido proferidos magníficos discursos.

Elegâncias de ontem e hoje

O «golf» de 1900 com o «golf» de 1936

QUANDO uma senhora regressa de Paris, e se dispõe a contar as suas impressões ás amigas que a rodeiam, ansiosas de novidades, a primeira pregunta que lhe disparam é sôbre os últimos figurinos da estação.

Pode ter visitado o Louvre, que isso pouco interessa às curiosas elegantes: A Vénus de Milo dar-lhes-ia a impressão duma senhora pouco cuidadosa que, encontrando-se há tantos anos em Paris, não soube escolher nunca uma toilette capaz, acrescendo ainda a vantagem de possuír imensos admiradores que não deixariam de a auxiliar nas despesas, caso lhe faltassem os recursos. Se lhes falassem na Maria de Medicis, desdenhariam da gola engomada que o inspirado Rubens trabalhou com tanto gôsto para enfeitar o pescoço rosado da formosa rainha. É que, em seu entender, uma gola daquelas já não se usa nos tempos que vão correndo.

As curiosas elegantes não teriam tempo nem paciencia para se preocupar com tais velharias.

Então, a dama chegada de Paris, cônscia da predilecção das suas amigas, contaria o que viu de mais chic nas reuniões elegantes a que assistiu, no triunfo dos crepes *imprimés*, na incompreensivel escôlha dos feltros na época calmosa — e o seu relatório, por mais extenso que fôsse, não satisfaria inteiramente a curiosidade dos ouvintes.

Se, por acaso, deparou na Ópera com alguma celebrada princesa, teria de a descrever, tal como a viu, no rigor da sua toilette, e não na gradeza ou mediocridade dos seus dotes intelectuais ou morais.

Falar-se-ia nos modernos trajos de *golf*, contrastando singularmente com os usados há 36 anos... E que diferença! que espantosa diferença! Qual seria a dama com coragem bastante para se apresentar hoje assim vestida? Achariam talvez ridículo êsse trajo que emprestaria a quem o vestisse o ar duma nova rica desajeitada... Haveria alguma dama de hoje que o usasse? Uma, ao menos? Tôdas, afirmaremos nós com a plena certeza de que, para isso, bastaria que a Moda o decretasse.

Não seria prático, visto ter uma saia comprida a dificultar os movimentos?

Raciocinando, assim parece. Mas a Moda não admite raciocínios por mais lógicos que sejam. A Moda impõe.

Que mal teria a saia comprida? Uma das mais vistosas toilettes que apareceram nas festas realizadas por ocasião da última corrida de obstáculos em Auteuil, ostentava uma saia tão comprida que

A última moda

varria o chão! Sem embargo, foi considerada a mais bela e a mais original entre as dezenas de toilettes que ali passaram.

A Moda tem dêstes caprichos.

No concurso de elegância de automóveis realizado, há dias, no Bosque de Bolonha, uma gentil concorrente apresentou-se de saia-calção, passando quási despercebida. Nestes tempos do pijama de elegantissimo córte, e das saias abertas até o joelho, a inofensiva *jupe-culotte* de há 30 anos passou a ser trivial e até recatada.

Sua Majestade, a Moda, embora veraneie como qualquer burguesa, e faça o seu *week end* como uma miss dos quatro costados, tem sempre em laboração permanente a sua côrte de elegâncias em Paris. Os impostos que lança sôbre os seus súbditos são pagos inteiramente no praso indicado com uma pontualidade matemática. Pode um proprietário eximir-se ao pagamento exacto da sua contribuição predial. O marido não tem que vacilar ante a apresentação da conta da modista de sua mulher.

A Moda tem dêstes caprichos. Adorada pelas suas partidárias, só admite como damas de honor as senhoras de bom gôsto que sintam a verdadeira atracção pelo belo sem preocupações com a educação espiritual.

Há quem aproveite sentenças morais, decoradas com mais ou menos custo em qualquer edição barata das "Horas Marianas", e as misture, numa irreverência grosseira, com uns sèdiços conselhos sôbre elegância!

Nada mais impróprio!

Uma senhora, quando deseja consultar os últimos figurinos, não está disposta a aturar a rebujice estafada e até impertinente de qualquer ilustre representante do século passado. Se a sua missão é falar de elegâncias, é de elegâncias que deve falar, pois para isso lhe pagam. Que pode interessar a uma senhora que deseja conhecer os últimos modêlos para escolher um vestido ou um chapéu, a lenga-lenga de realejo da salvação da sua alma.

Se um informador de cotações de bolsa, por exemplo, matasse o bicho do ouvido a um banqueiro com o relato da corrida de toiros a que assistiu na véspera, perdia o seu logar. E, se o mesmo banqueiro estivesse ansioso pelo fecho de qualquer cotação para encerrar um negócio, então correria a pau o impertinente informador.

Com a elegância dá-se o mesmo...

Rosa Brava.

A inocente saia-calção

EVOCANDO DE JULHO

O Duque da Terceir Marechal Saldanha

Como o neto de D. Ped nsiderava estes dois herois

Duque da Terceira

QUANDO o Duque da Terceira realizou a sua entrada em Lisboa nêsse memoravel dia 24 de Julho de 1833, e toda a população citadina o recebeu com o mais caloroso dos entusiasmos, mal pensaria o rei D. Pedro IV que o heroi deste feito glorioso havia de vir a ser achincalhado por um neto seu!

Pois foi assim mesmo! D. Pedro V nunca se conformou com o sistema constitucional que seu avô outorgara aos portugueses. O Rei Soldado jurou a Carta, não porque amasse a liberdade, mas para se tornar diferente do seu mano Miguel. E, como os bravos que o rodeavam defendiam as ideias liberais, acima de qualquer interesse, deixava-se ir nas suas águas. Apesar de tudo, não se esqueceu nunca da gratidão que devia ao Duque da Terceira e ao Marechal Saldanha, e morreu convencido de que os seus descendentes continuariam a venerá-los como os mais fortes pilares da revolução liberal que lhe dera um trono.

O Duque da Terceira, ao entrar em Lisboa no memorável dia 24 de Julho, manifestou os seus generosos sentimentos na seguinte proclamação:

"Este estandarte, a cuja sombra se abrigaram no meio das perseguições, do exílio e dos combates, os leais sustentadores do Trono e da Carta, jamais foi o emblêma da guerra e da vingança, mas sim o da Paz, da Concórdia, o da Clemência e Perdão para os iludidos e desgraçados».

Saldanha, por sua vez, á frente de oito mil homens, libertava definitivamente o Porto.

Decorrido o reinado de D. Maria II, cheio de agitações e sobressaltos, subiu ao trono o jovem D. Pedro V que nunca vira com bons olhos os dois marechais que o incomodavam.

Ainda assim, chamou o Duque da Terceira e nomeou-o seu primeiro ajudante de campo, na ilusão de que, assim, o teria mais perto de si, mais maleavel, mais obediente. Quanto ao Saldanha, aproveitava-o como lhe fôsse convindo, embora o tivesse na conta de um revolucionário audacioso que poderia voltar-se contra êle quando menos o esperasse. Mas, afagando-o — sabe Deus com que vontade! — o soberano contava entretê-lo o melhor que pudesse e soubesse.

Quando morreu a rainha D. Estefânia, o rei viuvo escrevia ao Duque da Terceira a seguinte carta:

"São poucas as consolações e os lenitivos para as dôres tais como a que, neste momento, me persegue. É mais uma provação, e duríssima, pela qual aprouve á Providência fazer-me passar. É raro ter conhecido a maioria das desgraças na idade aberta às ambições e ilusões de que aquelas costumam proceder.

"Resigno-me com a minha sorte; cumpri o dever pelo que êle é, mas não pelo que êle pode valer.

"Para fazê-lo, sobra-me o exemplo da Esposa que perdi quando apenas começava a apreciar o tesouro de que me foi dado gosar. Era um coração para a terra e um espírito para o céu.

"Nos quatro anos do meu reinado, eu e os meus povos temos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciência que nunca os abandonei. Não me abandonam êles hoje que procuro um confôrto e quasi o não encontro, senão na Religião que manda crêr e esperar, e nas lágrimas que se confundem com as minhas.

"Queira o duque transmitir a expressão do meu sentido reconhecimento ás corporações e aos indivíduos que, nos dias lutuosos que acabam de transcorrer, se lembraram de que, no meio dêles, ha alguem que padece e padece muito.

"Creia nos sentimentos de estima e admiração com os quais sou seu sinceramente afeiçoado.

Pedro.

Ora, esta estima e esta admiração que o soberano pretendia fazer crêr ao Duque da Terceira, eram meras fantasias que o protocolo obrigava a engendrar com mais ou menos habilidade. No fundo, D. Pedro V não o podia vêr, já porque o considerava um nulo, já porque não podia ser um émulo digno do irrequieto Saldanha que, pela sua bravura, era detestado também.

Eis o que D. Pedro V escreveu âcêrca dos dois, manifestando francamente o que lhe ia na alma:

Marechal Saldanha

"Vi diante de mim Almoster e Asseiceira — *decidir* e *acabar* — dois verbos sem pretensões de sinonímia; esforçando-se, aqui em vão, por significar uma e a mesma coisa. Vinte e quatro anos depois, são duas invejas que trocaram quasi os seus títulos, mas que ainda não soubemos deixar de considerar como duas glórias: temos já tão poucas!

"Quis vêr os dois que aqui nobilitei com os nomes dos seus mais luzidos cometimentos em todos os esplendores do seu passado; e não consegui vêr mais do que a clara mesquinhez do presente.

"Um deixou caír os louros em um prato de *mock turlle*, e lá os deixou jazer; tinham-lhos posto na cabeça e, sem muitos merecimentos mais, tem ao menos o de não se exaltar em feitos de que simultaneamente fôra o agente activo e passivo e em que, de facto, só lhe pertencem os perigos e as honras.

"O outro mergulhou os laureis nem eu quero dizer em quê, mas tornou logo a cingir com êles as cãs que são metade da sua popularidade. Tinha-os conquistado; e com êles se tinha coroado: quiz-lhes a ponto de manchá-los. Foi acrescentar ao perfume menos-prezado da pólvora dos combates, ao mísero desvanecimento dos plágios literários, ao pó e ao sangue das sedições, o ranço dos negócios de dinheiro. Desviei dêles os olhos; chorei estas lágrimas amargas que não humedecem as faces; apertei-lhes ainda as mãos; era a única coisa que ainda lhes restava. Oh! quanto dera a História por dispensar aqui o socôrro da sátira que não faz mais do que repetir as verdades que o grande número ignora e reconhece?»

E, continuando a referir-se aos dois marechais que lhe tinham dado um trôno, o soberano criticava-os com uma ingratidão inconcebivel:

"Um é elástico; o outro é duro. Um tem lugar em quási tôda a parte, quando lho dão e quando o toma. Quando, por excepcional acaso, lho dão sem que êle o pedisse, finge que o conquistou. Um deixa-se abater; o outro só a si consente essas humilhações que são outras tantas maneiras de ser da ambição e do orgulho humano. Um acomoda-se; o outro constrange os outros a acomodarem-se.

"Em um ha uma ambição corteză, tímida e audaz a um tempo; emquanto que o outro é o cortezão ambicioso de duas majestades, da unidade e do número, da corôa e do país.

"A espada souberam manejá-la ambos, um como soldado, outro como general: restituiram ambos á educação o que ela lhes havia dado.

"Em última análise: ambos incomodam: um porque é relativamente nulo; o outro porque o não é; porque são rivais e não podem ser émulos, porque emparelham e não podem sofrer paralelo, porque ambos têm a mesma ambição de respeitos humanos, um como franciscano, outro como beneditino.

"Mandam servindo e servem mandando».

Tendo desaparecido da Biblioteca do Porto uma obra rarissima, e sendo atribuida a responsabilidade ao Duque de Saldanha, o rei D. Pedro V apreciou o caso desta maneira:

"Ou fôsse movido do seu génio obsequiador ou duma gratidão, cujos fundamentos não é bom nem bonito profundar, lembrou-se de que seria agradável a D. José Salamanca possuir um exemplar único de um romance de cavalaria pertencente á Biblioteca Pública do Porto.

Dirige-se ao ministro do reino a pedir-lho emprestado; propõe-lhe a compra ou a troca do livro; o ministro responde evasivamente; o Duque considera-se servido e presenteia Salamanca com o que não era seu.

"E' censurável e indecorosa em si a coisa, mas o que não tem nome é a franqueza com que o Duque conta a história a quem lha quere ouvir. Actos tais acham a sua qualificação antes nos livros de medicina do que nas leis penais. *Dixit incipiens in corde suo: non est Deus.*»

Carta de D. Pedro IV a Silva Carvalho

Abril 5, de 1833 —

Meu Carvalho. Não he conveniente que no dia 8 se dê avanço à tropa porq. he necessario p.ª os doentes que estão primeiro de tudo. Manda dar-lhe salgado —

Seu Amigo
D. Pedro

P. S. Pode dar-se-lhes adoçino he vinho dobrado —

D. Pedro IV

É possível que o rei D. Pedro V tivesse alguma razão nas suas amargas censuras aos dois valorosos marechais que, tendo-se batido heroicamente pela causa liberal, desafiaram tanta vez a morte nos mais apertados lances. Como nada existe perfeito nêste mundo, não ficaria mal ao bondoso soberano fechar os olhos a estas fraquezas que não eram tão grraves como se afiguravam ao sensibilizado filho de D. Maria II — e só porque receava o prestígio formidável dos dois gloriosos cabos de guerra. E, porque êles não iam ao beija-mão como êle desejaria, vá de criticá-los tão acerbamente, como se de ferrenhos miguelistas se tratasse...

AMORES QUE NÃO MENTEM

SEMPRE se disse que a mulher é mais segura, mais sincera e mais constante, no amor.

Do homem diz-se sempre que é falso, leviano e vário, que raro é aquele que sabe amar com lealdade e paixão.

Tudo isto é muito verdade, mas para não haver injustiça que nela se esconda convém dizer que dos dois lados se podem tirar excepções muito interessantes, e, por sua natureza, divergentes. Se há mulheres que sabem fazer do amor um sacerdócio, há outras que nem sabem o que há de belo e de grande num grande e belo amor, exclusivo, sem que o interêsse venha manchar a pureza dos beijos trocados.

Muitas mesmo julgam que o amor é simplesmente um capital amealhado, de que é preciso auferir juros compensadores.

Dos homens, temos de escolher do baralho alguns que são esposos dedicadíssimos e não vêem outra coisa que mais os delicie do que o seu lar.

E numa época em que a linda tradição — que os ingleses chamam "Home, sweet home, there his no place like home„, — se vai perdendo, era digno de uma estátua o marido para quem a família fôsse um bem supremo.

■

Muitos homens julgam que se diminuem, se se deixam arrastar por uma onda de ternura e ajudam a sua esposa na criação do filho do seu amor, trazendo-o nos braços, quando a mãi, fatigada, precisa descansar.

Eu confesso que tenho uma admiração sincera e uma grande estima pelo homem que se ocupa de sua casa e dos seus filhos, com desvelos de mãi.

Quando encontro na rua um pai com o filho ao colo, fico-me a olhá-lo estarrecida, e só olho com igual interêsse o passarinho que dá de comer aos filhitos, que de bico muito aberto esperam sôfregos a pitança materna.

Porque não pode o macho ter pela sua cria a mesma ternura que a fêmea lhe dispensa?

Aparte as aves, que se revesam no ninho, onde chocam vidas novas, na criação, a fêmea, duma forma geral, é que tem tôda a massada com os seus rebentos.

E é no género humano onde êsse desapêgo do pai se nota mais intensamente.

O homem apronta-se e sai, mal o bocado engulido, e a mulher lá fica escrava dos seus meúdos, sofrendo-lhe a birra dos dentinhos que custam a furar e dos inúmeros achaques que atacam a meninice.

De noite, a mãi não prega ôlho, a passear o filhinho que rebenta a chorar, e o homem dorme ou pragueja contra a rabugice do garoto.

■

Êste é o quadro que se pode chamar a estatística do homem no lar.

Mas há outros que escapam à generalidade e se esculpem em formas nobres que é preciso não deixar ficar despercebidas.

Há maridos que sabem amar a sua companheira até à adoração, homens em quem assentam bem êstes versos do poeta da *Árvore em For*, escritos num dia em que a névoa da mágua escondeu o sol da sua felicidade, que só existia, porque existia ainda aquela a quem deu a mão para o caminho na estrada da vida:

Tudo desolação!
Tudo maninho, estéril e deserto...
— deserto sem fim!
Ai, e de há trinta anos tinha o céu tão perto!
Tinha-o no coração
Tinha-o dentro de mim!
Céu! — era-o o teu amor
— todo estrelado a beijos e carinhos!
Sob êle andava a música dos ninhos
E o perfume dos roseirais em flor!

....

Hoje... — A desolação que tu fizeste!
Nem árvores, nem flores, nem gorgeios
de ninhos!
O vale agreste,
agreste o monte
e horisonte a horisonte
relâmpagos, negrores, borborinhos!

■

Noutro amor, a que aludi já vagamente, o amor de pais a filhos, também se diz que a fêmea leva a palma ao seu companheiro.

Em conjunto, em todo o reino animal, assim é. E não admira: o macho é mais bravío, mais dado a distracções, mais da rua.

A fêmea é mais amante do seu ninho, sente-se melhor ali, aconchegada aos seus filhos.

Na mulher, então, êsse instinto maternal é tão forte que mesmo aquelas que nunca tiveram filhos sabem que

Deve ser a dor suprema
criar um filho e perdê-lo

É muito raro que uma mulher abandone um filho e, se algumas o fazem, são levadas a êsse acto que lhes faz sangrar o coração, pela miséria.

Em geral, a mulher sacrifica-se pelas suas crianças, embora tenha de arrastar-se nos mais duros trabalhos e passar fome, para que a elas não lhes falte um naco de pão.

O homem com facilidade se desprende dos filhos, e alguns com tão grande leviandade procedem que não se importam de arruinar o futuro dalgumas incautas que se deixam prender nos seus doces requebros, e espalham pelo mundo crianças abandonadas, de vida triste e futuro incerto.

■

Para consolação de novas almas, graças a Deus, em menor número do que aquêles que merecem completamente doce nome de pai.

Há muito chefe de família exemplar para quem os filhos são a única razão da sua existência, que lhes sacrificam até pequenos prazeres e divertimentos, para que não lhes faltem meios de dar-lhes uma boa posição na sociedade.

Êsses, que são a honra e o brio do seu sexo, hão-de rever-se nestes lindos versos de Emundo de Oliveira, que tão claramente e com tão lindas côres pintam o mais sublime amor que pode florir no coração masculino, e que eu fui arrancar a uma página da sua *Lira Pequenina*:

Gôta de água caindo em fonte santa,
trilo de ave cortando o azul do espaço,
sombra de um som que tanto prende e encanta!
Harmonia de amor, cujo compasso
me rege a vida e a alegra e a alevanta
— no que sonho e medito e digo e faço...

Quantos pais fazendo saltar os seus pequenitos nos joelhos, tomando as horas passadas no lar como um refrigério para os cuidados que o seu futuro já lhes vai dando, não quereriam poder expressar assim êsse sentimento que lhes enche a alma?

Tôda a mulher que tiver a seu lado um homem que a acompanhe na sua ternura pelos seus pequenos, que faça da sua casa o santuário dos mais santos amores — o amor conjugal e o amor dos filhos — os amores que não mentem — não precisam aspirar a mais nada. Têm o máximo de felicidade que se pode tirar da vida.

Mercedes Blasco.

IMPRESSÕES DUMA JORNADA

DE TONDELA A CAMPO DE BESTEIROS

...Em frente da estação de Tondela, tôda engalanada de glicínias, corre a linda várzea que vem de Lobão, e termina cingindo a vila. São horas de largar, mas ainda o cocheiro brulha com um rancho de raparigas...

Como estas belezas campesinas duram pouco! Ao primeiro filho, à primeira doença, sob a inclemência do trabalho exaustivo, da canícula ardente ou do gear do inverno, logo murcham. A mulher, na Beira Alta, cava, monda, ceifa, roça mato, suporta a dureza das mais pesadas tarefas. Quando solteira, poupam-na um tanto, para não perder o lustro da mocidade; mas, casada, logo tôda a frescura se lhe vai.

As mulheres de trinta anos, formosas, não se encontram aqui; nessa idade são já sem viço, tostadas do sol, descarnadas.

Mas o que perdem em formosura ganham em fôrça, em saúde; a sua solidez, criando um rancho de filhos afirma o vigor da raça, cuja resistência é admirável, adaptando-se, em todos os continentes, sob todos os climas, aos mais variados e fatigantes labores.

Os homens são altos, aprumados, de ombros largos, peito saliente, rijos de pulso e de ânimo, valorosos e reforçados.

Aqui vai na estrada um belo tipo; perto dos cinqüenta, todo êle respira plenitude, equilíbrio: pisa o solo cadenciadamente, a passo seguro e decidido; é daqueles para quem todo o terreno que pisam é terra conquistada.

— O Gelasio! O Gelasio! — gritam as mulheres que vão na diligência.

Ouvimos a história do varão famoso. Dúzias de amantes, dúzias de filhos...

Desfolham-se rosas na rústica alfombra; dos carvalhos que marginam a estrada tombam amarelecidas fôlhas; um pavão real desprende hieraticamente a sua brilhante cauda multicôr...

Passamos uma ponte. À entrada da vila uma capela, ciprestes, tílias, parreirais, um solar do século XVIII, com a sua pedra de armas. Depois, a igreja velha.

Paramos, adiante, no largo. Do Hotel Martinho trazem as bagagens dum brasileiro, que é, como se sabe, um português pobre que volta remediado do Brasil. Valorosa gente!

Avisinha um edifício antigo, de graníticos pilares. Um gracioso mirante. Grandes japoneiras. A tôda a largura da quinta uma latada, dando sôbre um pomar.

No ângulo opôsto do largo, a igreja nova.

Seguimos por uma avenida clara, de onde, sôbre macissos de pinhal manso, se alcança uma das mais belas vistas da Serra. Alinham-se graciosas casas, rodeadas de jardins. Plátanos e araucárias, palmeiras, olaias, cedros e cupressos dão rebate cosmopolita, precedendo a Auto-Tondelense e a Garage-Ford.

Mas logo, além do Hospital de Santa Maria, laranjeiras e tangerineiras nos restituem à flora regional, entre milharais e vinhêdos.

Tondela à vista

Deixamos à direita a estrada de Vilar que entronca, como a do Campo, aonde vamos, com a estrada nacional n.º 8, da Mealhada a Vizeu.

Já perto de Molelos, cruzam comnosco mulheres arregaçadas, de perna núa e descalças, que vão correndo com grandes cargas de loiça à cabeça.

A loiça de Molelos, de barro preto, tão tradicionalmente afamada, é, no sul da Beira, a mais usada loiça de cosinha. Os processos do seu fabrico são rudimentares; todas as tentativas de inovação industrial têm fracassado. A preciosa matéria prima triunfará porém, quando encontrar, a aproveitá-la, um verdadeiro artista.

Atravessamos o povoado, que se espalha pelos campos, as moradias rodeando-se de amanhadio. Em destaque, a igreja e o solar do Barão.

Ao cabo, alto arvorêdo dando um fundo de sombra ao luminoso quadro.

Sente-se a riqueza do solo. Próximo do Pontãozinho, uma cerejeira colosso; alçando-se ás suas últimas ramadas, uma videira atira, de vinte metros de altura, uma catadupa de mil cachos.

Descendo para a ponte do Coelhoso, o Caramulo, numa surpreendente visão panorâmica, inteiramente se revela e anima. A taciturnidade é vencida pela graça vegetal; os mais hostis pedregais cobrem-se de arvorêdo; veste-se de arbustos a áspera nudez das cumiadas. A fronte austera da Serra divisa-se, do Pico ao Cabeço da Neve, na assunção mística dos ceus. Depois, Paredes e Guardão que se vão perdendo no paganismo das encostas. E no Vale de Besteiros já Diónisos inteiramente senhoreia as almas...

Deixamos, à esquerda, a estrada de Castelões. E, além das novas fábricas de serração e cerâmica, entramos no Campo.

— Que linda mulher! — diz um companheiro.

E toda a vila é para êle aquela criaturinha de Deus. Por isso, deliciosa...

A um dos nossos raros grandes homens, a quem os anos não queimam nunca a mocidade, ouvi que cada terra, na sua memória, se marca por uma mulher...

Felizes povoações que têm uma mulher linda!

....

Passados os Sameiros — à esquerda Vila-Rei, à direita Arrifana — chegamos ao Oiteiro. Larangeiras, nespereiras, figueiras adornam o povoado.

Subimos Agodinho e Amarais. Maria Marques, rapariga solteira dos seus sessenta anos, que volta de Tondela, aonde foi a recados, vai-nos contando histórias, E aqui pára, patéticamente:

— Ora, nêste lugar, senhores, era a acovilhã dos ladrões...

¡E narra, melodramática, um terrível asssalto nocturno.

(Distraio-me, contemplando o Vale magnífico. Mas oiço ainda o remate:

— Nunca a justiça descobriu os matadores. Acabaram mal decerto, porque lhes faltava a graça de Deus...

¡Bom conceito o da Maria Marques!

Lopes d'Oliveira.

Juventude feliz

QUANDO O SOL QUEIMA...

ALEGRIA DO VERÃO

Como gosá-las, a bem do corpo e do espírito

CHEGOU finalmente o Verão, o alegre Verão, o almejado Verão que todos supúnhamos tão arredio como a Primavera que êste ano não conseguiu dar-nos a honra da sua visita.

Ao cabo de longos meses de chuvas torrenciais que alagaram campos e destruíram povoações, e de ventanias capazes de abalar o mundo, surgiu o Verão com os seus raios de sol escaldante.

Uma transição tão brusca deu-nos a impressão de caír-mos dos píncaros da Serra da Neve sôbre o tecto candente de um fôrno de alta-tensão.

Como explicar uma tal desordem entre os elementos?

A semelhança do que se está passando com as nações, as estações do ano decidiram faltar tambem ao estabelecido nas disciplinadoras clausulas do seu pacto tão velho como o mundo.

O Inverno, engrossando os seus apetrechos de agressão, embargou a passagem à Primavera, apossou-se-lhe de todos os bens e proclamou ante a humanidade molhada até os ossos, e enregelada até o coração, a teoria do mais forte que apenas admite sem discussão a inflexibilidade do "facto consumado".

Finalmente chegou o Verão, embora o Inverno não estivesse muito disposto a dar-lhe caminho. As últimas escaramuças da lua de Junho, provaram-lhe que toda a resistência seria inútil, e assim, o Inverno, em face do avanço das hostes estivais, achou mais prudente abrir alas á passagem do novo autocrata dos elementos, levando até o seu servilismo a armar em arauto da nova estação triunfadora que se apresentava risonha e cheia de esperanças.

Começaram as alegrias do Verão...

Quem puder abandonar o bulício enervador das cidades que definham energias e deterioram os nervos, não hesita um momento em emigrar, e vá fazer a mala, uma pequena mala que contenha apenas o indispensável para a manutenção do asseio. Sim, porque quem se decide a ir repousar não precisa de trajos de cerimónia que as leis da moda impõem como libré aos seus numerosos escravos.

Longe do mundo, libertos dos berros estridentes dos automoveis e dos cauteleiros, salvos da lenga-lenga torturante da T. S. F., esquecidos de tudo o que de mau, pérfido e traiçoeiro nos apoquenta, chegamos a ter a ilusão do pobre visionário Pangloss que se julgava no melhor dos mundos possiveis, e, embora enganado, vivia feliz. Aproveitemos, portanto, as alegrias do Verão.

Eis-nos a caminho do campo, onde não falta a visinhança dum rio murmuroso, em que pode tomar-se, a toda a hora, o banho reconfortante que dá vida e saúde. Assim se justifica a satisfação da gente rude que é definida magistralmente nessa conhecida quadra popular:

E' um regalo na vida,
A' beira de água morar:
Quem tem sêde vai beber,
Quem tem calma vai nadar.

Quem puder fugir á cidade e aos seus horrores, não vacile um momento sequer, pelo menos nesta época abençoada e florida. Côrra a ocultar-se num recanto verdejante e aprazivel, longe do mundo e dos homens, afim de sossegar o espírito sobressaltado, tonificar os pulmões combalidos e acalmar os nervos excitados por esta inferneira da vida citadina. Não carecerá de procurar o estrangeiro, visto que em Portugal ha tudo o que lá fóra lhe pode ser proporcionado — e, se souber procurar bem, encontrará mais e melhor.

Temos um flagrante exemplo à vista. Ha dias, encontramos o ministro da França, sr. Amé Leroy excursionando num carro de estilo quinhentista através duma quinta da Extremadura. O ilustre diplomata, que tantas provas de carinho tem dado á nossa terra, não se limita a admirar o ceu azul que nos cobre, nem a beleza da Avenida da Liberdade que nos atrai: deseja conhecer mais intimamente êste lindo torrão que tanta simpatia lhe merece, e, por isso, visita-o nos seus pontos mais ignorados. Um dia, quando o seu país o elevar á categoria de embaixador, e como tal o envie para outra nação, o sr. Amé Leroy levará muitas saudades nossas, embora tenha deixado muitas mais no nosso coração agradecido.

Ora, se o ilustre diplomata francês tanto aprecia o nosso país e tão minuciosamente o visita, como poderão os portugueses deixar de o visitar em tôda a sua extensão?

Conhecem o Minho em todo o seu pitorêsco matizado, cheio de arôma e unção?

Um passeio do ministro da França sr. Amé Leroy através da Extremadura

Já assistiram á romaria de S. Torcato, nos subúrbios de Guimarães, em toda a sua imponência majestosa? Ali, em frente daquêle templo portentoso, alicerçado numa persistência nimbada de fé ingénua, até os próprios descrentes reconhecem que só por isto o santo arcebispo mártir deve ser considerado milagroso. E' que tôda aquela magnificência só por milagre poderia ter realização.

Conhecem Traz-os-Montes? Assistiram já á romaria de Nossa Senhora das Brotas?

A Virgem assim invocada é a protectora das searas bemditas que dão o pão nosso de cada dia. E' a Senhora das Brotas porque faz brotar as sementes do seio abençoado dessa terra de aspecto bravio, mas fecunda.

E' encantador vêr a aldeia em festa em que ranchos azougados de serranos e pastorinhas entoam lôas da sua devoção com todo o fervor que lhes vai na alma!

Desçam ao Douro, imponente nos seus vinhedos, tão belo e tão sugestivo que mereceu a ternura do marquês de Pombal que, segundo a lenda, usava pêlos no coração.

Entrem nas Beiras, trepem ao píncaro dos Hermínios, e admirem o magnífico cenário que a raça lusitana havia de encontrar na hora feliz em que surgiu no mundo ameaçado pelas ambições romanas.

Não deixem de passar pela Extremadura que sôbre a sua beleza natural alteia um tal ou qual orgulho de rodear os alicerces duma das mais formosas capitais do mundo.

O banho reconfortante

Penetrem no Alentejo, alonguem a vista na sua extensão vastissima e admirem o trigueiro labutador dos campos que, sob um sol ardente, dá a impressão de um druida excelso, dando-se como vítima em holocausto pela salvação de seus irmãos. Cada campo de trigo constitui o vasto altar em que florecem as messes benditas regadas com o seu suôr e acarinhadas pela sua abnegação.

Desçam finalmente ao Algarve e desvaneçam-se ante o encanto místico dessa boa gente faladora que, embebida ainda do fatalismo mourisco que lhe foi berço, define as suas melancolias ancestrais em trovas dolentes e melodiosas.

Eles cantam suas móguas,
E elas o seu penar:
A vida dos algarvios
E' sempre cantar, cantar...

Ir ao estrangeiro admirar paisagens? E para quê se Portugal possui o que de mais belo existe no mundo? Ir a Castela admirar as velhas catedrais? E as nossas? Já visitaram Evora que pode ser considerada um inexgotável museu? Francamente, a todo aquêle que nos disser que esteve em Madrid e se debruçou sôbre o rio Manzanares, em cujas águas se remirou como um Narciso pretencioso, responderemos que o nosso Tejo seria o mais formoso espelho que deveria escolher, e que, vindo de terras de Espanha, não é preciso ir lá para o observar em tôda a sua majestade.

Agora que chegou o Verão com o seu enorme cortejo de alegrias súbitas, visto não ter sido rociado pelos beijos serenos da Primavera, aproveitem o momento e deliciem-se na paz virgiliana do campo.

Imitem aquela nossa grande actriz que, ao despedir-se do bulício da capital onde é incensada, declara aos seus admiradores:

— Vou para o campo. Vou passar na agradavel companhia do meu Virgílio. Uma casinha sossegada, encoberta pela verdura, eis o meu sonho... Não ter de me pintar, nem torturar-me com as *toilettes* de etiqueta. Um vestidinho de chita sobre a pele, um chapéu de palha centeia na cabeça, e eis-me a caminho dos prados calmos, esquecida de toda esta podridão que me agonia... Cá vou, meus amigos, cá vou com o meu Virgílio, a gosar as alegrias do Verão.

Este Virgílio é o imortal autor das *Georgicas* que, um dia, acedeu a acompanhar Dante aos infernos.

Desta vez, a nossa vedeta vai na sua companhia para o paraíso, a gosar as alegrias do Verão — e calculamos que, tanto um como o outro, vão muito bem acompanhados.

Não podemos fazer uma ideia da duração do reinado estival, visto que o Outono, acalentando também as suas ambições, pode lembrar-se de antecipar a sua chegada com a ajuda do despeitado Inverno. Mas, até lá, vamos gosando a vida sôb êste sol radioso e vivificante que faz nascer energias e fortalece o prazer de viver. E daí — quem sabe? — pode ser que o Outono se limite ao que lhe está traçado, dêsde que o mundo é mundo, na equitativa divisão das quatro estações do ano. E, então, tudo entrará nos eixos, conforme o desejo de todos nós.

Alegrias do Verão

LUANDA

A CONSTANTE EXPANSÃO DA FORMOSA CAPITAL DA PROVINCIA DE ANGOLA

EM CIMA: *Os Paços do Concelho de Luanda.* — AO CENTRO: *Uma vista da Missão de Muceques, agora inaugurada no Bairro Indígena, e a tôrre com o seu magnífico relójio.* — EM BAIXO: *Outro aspecto da majestosa tôrre, e a fachada principal da Missão*

LUANDA, a velha cidade que todos conheciam apenas pelo seu terrível D. G. D., vai-se tornando notada e admirada pelo seu próprio esfôrço, seguindo de olhos postos no caminho traçado pelo infatigável Pedro Alexandrino, e cada vez mais digna do feito de Salvador Correia que a libertou. Luanda engrandece-se, de dia para dia, e cada vez com maior afinco.

Agora, acaba de ser inaugurada a Missão Católica de Muceques, no Bairro Indígena da cidade. A residência paroquial, ladeada de varandas amplas e de pequenos jardins, ostenta numa das extremidades uma vistosa tôrre com $16^{m},50$ de altura que ficará regulando a vida citadina. No tôpo da tôrre foi colocado um relójio com quatro mostradores em cristal, e batendo horas e meias horas num sino, cujo som se fará ouvir em tôda Luanda.

Como se verifica, os melhoramentos não param, e com tal boa vontade vão sendo realizados que, dentro em pouco, até os que se horrorizavam com a ideia da vizinhança do Depósito Geral de Degredados, sentirão vontade de ir hospedar-se na formosa cidade de Luanda que cada vez oferece maior confôrto e bem-estar a quem vai acolher-se no seu seio.

Vê-se que no espírito de quem dirige a capital de Angola fulge o fogo sagrado que animou os generosos portugueses, no dealbar do século XVII, ao transformarem em cidade a risonha vila que se remirava, enlevada na sua beleza, nas águas do oceano que vinha beijar-lhe os pés.

A Missão Católica de Muceques, agora inaugurada, ficará recordando ainda a solene trasladação que em 1626 foi feita da Sé do Congo para Luanda que já manifestava as suas ambições.

Um país como Portugal que ao cabo de tantos anos, vê florescer as suas colónias, descobertas pela sua audácia e fecundadas pelo seu carinho, deve sentir maior orgulho que qualquer outra nação, não só pela realização plena do seu sonho, mas pela justa compensação do seu esfôrço colonizador. Luanda, a formosa capital de Angola, é a mais flagrante prova da maneira modelar como Portugal administra os vastos territórios que descobriu, um dia, quando ainda não havia descobridores no mundo. A sua acção administrativa iguala, como se verifica, a sua acção descobridora.

TALMUD — O LIVRO ETERNO

Só a leitura da Bíblia, da nossa Bíblia, da Bíblia sagrada, assegura aos judeus a imortalidade da raça, e a faz caminhar serena através de todos os perigos, amparando os que tomam nesta luta violenta, isenta de tréguas, que nunca conheceu um armistício, ou o amor da paz. Os filósofos construtores do espírito judeu, tendo chamado a atenção do seu povo, disperso há milhares de anos pelas cinco partes do mundo, para a leitura da Bíblia, deram-nos a certeza da continuidade, e traçaram o verdadeiro caminho.

A humanidade contemporânea, filha espiritual de Israel, não compreendeu ainda o caminho da experiência bíblica, e de olhos cerrados recusa-se a ver, e a compreender as lições dos profetas, e perde-se na adoração de ídolos menores. O espectáculo não tem particular inédito. Lutas de raças só nos indicam que outras raças, consideradas menores, consumidas e gastas, reconhecem superior aquela a quem impiedosamente dão combate, e pretendem usurpar, tal como em 1506 na Península Ibérica, lugares e haveres.

Só os ignorantes e os loucos julgam que uma raça, amassada com sofrimento, que tem da morte a ideia exacta da iniciação, se vence e aniquila, humilhando-a, e obrigando-a a mais sofrer.

Só aqueles que por comodidade, ou insuficiência, nunca se debruçaram sôbre os mistérios da Bíblia ou os valores permanentes do Talmud, e ignoram o equilíbrio da autoridade, e da liberdade divina, o espírito de independência que se adquire na exacta leitura dos profetas, imaginam levianamente que o ataque, o sofrimento ou a vizinhança da morte, modificam a consciência de um povo, e nele matam o sonho, ou o afastam dos seus mortos queridos.

No fatídico rodar dos séculos, de quando em vez, há nações que, distraídas por lutas religiosas ou rácicas, imaginam que o Talmud é um cemitério abandonado, um jardim patinado pelo esquecimento, alheio a tôda a actividade humana, e esquecem que nas cinco partes do orbe, pacientemente, três vezes por semana, os judeus, milhões de judeus, passeiam nele, e nele colhem novos ensinamentos, novos estímulos; e que dessas cuidadosas leituras, feitas à luz clara do dia, nascem outras esperanças, e se alargam as curvas sombrias do horizonte.

Reside nesta leitura, repetida há séculos três vezes por semana, o segredo do intelectualismo judeu, e da aplicação do espírito ao serviço da causa única, a divina.

Montefiore, o sábio, baptizou de invenção talmúdica, esta necessidade constante de renovação intelectual, que tanto aflige os que nos combatem, e sonham observar na renovação constante da civilização judaica uma ameaça permanente para as outras civilisações que proíbem aos seus o intranquilizador contacto bíblico.

Montefiore, o sábio, roçou com as suas frases, aquela verdade que a ciência tôda poderosa, não conseguiu arrancar dos corações judeus, verdade existente, viva,

Dr. Abraão Zacuto — o Zacuto Lusitano, médico português, um dos maiores comentadores do Talmud e da Bíblia

palpitante que se purificou nas fogueiras da Inquisição, que atravessou, batida pela braza, os desertos sem fim, separou as águas do Mar Vermelho, e protege há milhares de anos, amparando-o, acarinhando-o, incutindo-lhe novas energias e inéditas esperanças, o eterno e perseguido povo de Israel, povo escolhido.

Baldados foram os esforços dos críticos do Talmud. Um dêles, o mais audaz, Deus o salve, gritou: Moisés nunca subiu ao Monte de Sinai, a imagem das tábuas é uma fantástica versão...

Nas cinco partes do mundo a barbárie, chefiada por ídolos menores, queimou os leitores do Talmud, e destruiu, espumante de raiva e ódio, milhões de exemplares; e nas cinco partes do mundo, sob a cinza das fogueiras, quando tudo parecia o fim, e o fim irmanava todos os destroços, surgiram novos leitores, trazendo dentro de si, do seu coração, e do seu cérebro, a mesma fé, idêntica certeza, e intacto, perfeitamente intacto, o Talmud, livro eterno e sempre jovem, de uma beleza que se atreve a tudo, que tudo destrona, meigo jardim florido no qual as flores jàmais murcham, que não conhece a morte, expressão gráfica do Além, em cujas frases o Além existe e vive.

Quando uma raça é portadora de missão tão alta, e poderosa, os ataques por mais violentos que êles pareçam, são insignificantes, ficam àquem, não atingem, não podem atingir o seu fim, esbarram todos de encontro à certeza talmúdica, mais forte que o tempo, mais resistente do que a vida passageira e inesperada, à mercê de todos os obstáculos e contrariedades.

"Bem nossa só a morte". No metálico e insofismável rodar dos séculos, a luta tem sido a mesma; ódio de raças, impotente, oferecendo aspécto indigno, mesquinho, impróprio do homem, nado e criado à semelhança de Deus.

Hoje aqui, ámanhã acolá, além. A luta tem sido a mesma: ódio separando os homens, dividindo os homens, empobrecendo os próprios homens.

Israel, portador de uma mensagem, tem sofrido tôdas as humilhações, tem sido perseguido e humilhado, vexado e caluniado, atirado para o deserto.

Os ídolos menores, a barbárie, têm experimentado todos os processos, ensaiado todos os martírios, levantado e urdido todos os obstáculos e calúnias.

Tudo tem sido inútil e frustrado; a tudo se tem opôsto a certeza única, divina.

Talmud, livro eterno! Quando hoje acordei, e me dispuz para a vida, após ter recordado como todos os dias o faço, certa imagem querida que vive em mim, e estimula a dinâmica de todos os meus pensamentos, certa imagem querida que os meus olhos, pisados, choram sempre, e que a morte iniciou, peguei no meu Talmud, e fui de passeio com êle. Era uma manhã suavíssima de primavera, uma destas manhãs que adivinham dias floridos de páscoa, macieiras em flor... A-pesar-das suas fôlhas amarelecidas, dos seus cantos gastos, dos seus doirados comidos pelo tempo, o meu Talmud, meu livro de orações, era como esta manhã tranqüila de primavera, novo para mim, para os meus olhos ávidos de Deus.

Montefiore, o sàbio, roçou a verdade com as suas frases.

Augusto d'Esaguy.

ENTRE O PIN O ESCÔPRO

Soares dos Re Souza Pinto

Saudosas recordaçõe ior escultor português

A espera dos barcos
«Croquis» de Souza Pinto

ERGUER um monumento a Alguém que, na sua passagem por êste mundo, deixou um rasto luminoso, é um dever de gratidão, embora seja o mesmo que dar um nó no lenço para não nos esquecermos de qualquer coisa que temos de fazer.

Com Soares dos Reis fez-se isso, e quasi nada mais se conseguiu, a não ser uma ou outra referência engenhosa com pretensões a estabelecer confrontos inconcebíveis.

Quasi meio século decorreu sôbre a trágica morte do maior estatuário português, e apenas temos encontrado na nossa peregrinação de culto fervoroso e desinteressado à sua memória, a saüdade perene do grande pintor Souza Pinto, o carinho do insigne pintor Carlos Reis, a gratidão inquebrantável do ilustre escultor Diogo de Macedo, e, finalmente, a sinceridade do erudito investigador Angelo Pereira que publicou há dias uma série de cartas do artista insigne, comentando-as com todo o critério, e dando-lhes por título "Soares dos Reis — Repórter do Occidente».

A propósito desta publicação, Souza Pinto envia lá de longe, dêsse Paris delicioso em que voluntariamente se exilou, dois magníficos desenhos que, além da arte que os envolve, possuem a virtude encantadora de terem sido executados com o pensamento na memória de Soares dos Reis. Ele próprio declara que, pensando na "Infância do artista», uma das melhores obras do grande escultor, traçara o *croquis* de uma criança confeccionando um barquinho de papel, e ao qual deu o título "Infância dum marinheiro».

Recorda-se do belo tempo distante em que Soares dos Reis e êle, com as caixas de pintura debaixo do braço, se decidiam a ir até à Póvoa passar uns 10 ou 15 dias, consoante os meios pecuniários de que dispunham. E, evocando a predilecção que o mestre sempre manifestou pela Póvoa e pela sua população característica, esboça em sua homenagem a figura ansiosa e dolorida da mulher de um pescador poveiro, "à espera dos barcos». Lembra-se também da noite do pavoroso incêndio dos Guindais, no Pôrto, em que Soares dos Reis focou com o seu lápis mágico essa espantosa catástrofe de há 57 anos.

"— Lembro-me como se tivesse sido ontem — diz Souza Pinto — e hei de lembrar-me sempre enquanto viver. Parece-me estar a vêr ainda o nosso Soares dos Reis a desenhar o incêndio à luz mortiça dos candieiros. Como um chefe de polícia aparecesse a intimar a dispersão das pessoas que ali se aglomeravam, adiantei-me a informá-lo com uma certa pontinha de orgulho:

"— E' o grande Soares dos Reis que faz um desenho para o *Occidente*.

E Souza Pinto remata: "Fiquei contentíssimo por vêr a delicadeza com que o chefe da polícia deu ordens aos seus subordinados, no sentido de não incomodarem o grande artista!»

Tendo seguido para Paris, Souza Pinto de tal maneira se evidenciou que, a breve trecho, era admitido no *Salon*.

Da alegria enorme que o jovem pintor deveria ter sentido pelo triunfo alcançado, compartilhou Soares dos Reis que, do seu êrmo de Vila Nova de Gaia, seguindo, enlevado, os progressos do muito querido discípulo, lhe enviou o seu cartão com esta frase tão lacónica como enternecedora: "António Soares dos Reis chora de contente»!

O pintor Souza Pinto

Aludindo, por fim, à generosidade do escultor excelso do "Desterrado», Souza Pinto declara por entre lágrimas de saüdade:

"E' realmente extraordinário como a grande alma de Soares dos Reis se reflectia em todos os seus actos! Repartia os proventos já tão escassos da sua colaboração com os discípulos que tinham mais necessidade do que êle! Santo amigo!»

Bem mais feliz teria sido o grande Soares dos Reis se, seguindo o exemplo de Souza Pinto, tivesse procurado os horisontes aureos de Além dos Pireneus... Assim, embora na sua terra, nunca deixou de ser o "Desterrado» que tão prodigiosamente soube fazer viver no mármore — e tão lancinante foi a sua tortura, que teve de procurar na morte o único refúgio.

Na magistral definição de Ramalho Ortigão, "a atribulada alma dêsse genial artista, indiferente a todos os ruídos da mísera e efémera agitação humana, saiu altiva e desdenhosamente da vida pela porta do desprêso. Irremediavelmente descrido de todo o afago da existência, êle foi para o insondável mistério do Além-Túmulo em busca do profundo, do indefinido, do aliciante sorriso dessa eterna Giocconda, de que todo o artista traz ao mundo um ideal e embrionário esbôço no mais íntimo do seu coração dolorido.»

Soares dos Reis foi sempre um incompreendido, a começar por seu pai que apenas compreendia a vida, e a melhor forma de a ganhar, junto dum balcão, a atender as impertinências dos fregueses.

Conta-se que, tendo o pintor Francisco José Rèzende o seu atelier em Vila Nova de Gaia, aparecia por lá com muita freqüência um rapazito de nove a dez anos, muito franzino e sobretudo muito tímido, que seguia durante horas e horas, com um interesse pouco vulgar na sua idade, o trabalho do artista.

— Gostavas de ser pintor? preguntou-lhe, um dia, o Rèzende.

— Gostava, sim, senhor — murmurou o pequeno.

— Então porque não aprendes?

— Porque o meu pai não deixa.

— E' pena, meu rapaz... Teu pai não deveria cortar-te a vocação... Se tens jeito para isto, a sua obrigação era matricular-te nas Belas Artes.

— Pois era... mas êle não quere. Até se zanga quando lhe falo nisso.

— Bem, bem... — rematou o Rèzende — isso é lá com êle... Vê lá se ainda apanhas alguma sóva por vires perder o teu tempo para aqui...

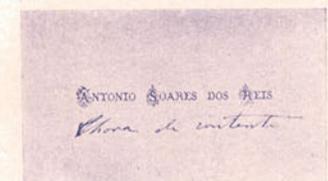
Dias depois, saindo do seu atelier, o pintor deparou com um desenho feito a carvão sôbre a face caiada dum muro que ladeava a rua.

— Quem diabo teria feito isto? — inquiriu.

— Foi o filho do "Caniço»... eu vi — denunciou um indivíduo que se acercara do pintor — o raio do rapaz parece que nasceu para pinta-mônos...

— Mas isto é o esbôço dum quadro meu!? — murmurava o Rèzende no auge do espanto — esta agora!

Dirigiu-se dali para a mercearia do "Caniço», afim de apurar tôda a verdade. Ante a confissão do rapaz, o pintor tais razões alegou junto do merceeiro que o convenceu a matricular o filho na Academia de Belas Artes.

Infância dum marinheiro — «Croquis» de Souza Pinto

Cartão enviado por Soares dos Reis a Souza Pinto

E, assim, começou o excelso Soares dos Reis a sua carreira!

Agora, que já vai decorrido quasi meio século sôbre a sua morte, verificamos que ainda lhe não foi prestada a devida justiça.

Tal como há 47 anos, Soares dos Reis continúa a ser um incompreendido para muitíssimos ignorantes, e — já agora porque não dizê-lo? — um invejado de muitos outros que, não sendo ignorantes, ainda lhe receiam a concorrência...

Quando êle modelou a primorosa estátua de Afonso Henriques, houve quem citasse como defeito o anacronismo do braço nú que, pelos modos, o fundador da independência portuguesa não deveria ter usado!

Como tudo isto é mesquinho e perverso!

Felizmente que êstes críticos de má morte não deram fé do "Moisés» de Miguel Angelo, caso contrário, mandariam serrar-lhe os atributos da fôrça que o artista achou por bem colocar-lhe na majestosa cabeça, pois não consta que os tivesse usado em tôda a sua longa vida de condutor do povo israelita...

Soares dos Reis — Carvão por Carlos Reis

Sabemos de fonte segura que a primeira ideia de Soares dos Reis, ao modelar a estátua de Afonso Henriques, foi apresentá-lo já velho e cansado, repousando na terra que lhe fôra berço. Contrariou, no entanto, a sua natural tendência para os assuntos melancólicos, e inutilizou todo o trabalho feito.

Surgiu então essa maravilha que nos apresenta o vencedor de Ourique, cheio de vigor e esperança, pronto para a luta e desafiando o mundo inteiro com o seu olhar arrogante. O seu braço nú, embora as armaduras do século XII não permitissem um tal alvo aos golpes do adversário, patenteia, num simbolismo feliz, tôda a energia indomável, tôda a fôrça portentosa, todo o palpitar de sangue ardente, tôda a audácia terrível, todo o sonho lindo dum heroi que talhou uma pátria a golpes de montante, e a engrandeceu com o eflúvio da sua alma generosa.

Soares dos Reis foi um incompreendido. Mas o que havia a esperar numa terra em que — êle próprio o confessou — "ganhara menos em tôda a sua vida de escultor que um aprendiz de canteiro?»

Ergueram-lhe um monumento — e fizeram bem — embora não tivesse ficado saldada inteiramente a dívida contraída com o artista genial.

Também, no fim de contas, isso pouco ou nada importa... O melhor, o maior, o mais imponente monumento a Soares dos Reis consiste na obra grandiosa que êle nos deixou, apesar de ter abandonado a vida na flôr da idade — 42 anos apenas!

Gomes Monteiro.

COIMBRAM FESTA

A COMEMORAÇÃO DO VNARIO DA RAINHA SANTA

COIMBRA, a formosa princesa do Mondego, comemorou brilhantemente o VI centenário da morte da Rainha Santa, provando assim que a alma rude do povo nunca se esqueceu de quem, um dia, lhe prestou benefícios. Decorreram seis séculos sôbre o sÉ que andaveis tão cego, Senhor, que achei por bem iluminar-vos do bondosa esposa de D. Diniz, e, através dêsse longo praso em queminho.
monumentos e ambições mesquinhas, só uma coisa ficou perene n tom humilde em que estas palavras foram proferidas tiveram o condão de Coimbra de tão belas tradições — o culto pela sua amada Rainha.

O povo — jardineiro excelso de lendas — engrinaldou as mais belas passagens da vida da Santa com as mais viçosas flores da sua imaginação ingénua, transformando-as em pequenas histórias de fada benfazeja que se transmitem de pais para filhos, numa enternecida devoção.

Conhecem as lendas de Segovim e de Amor? Vale a pena contá-las:

Amor e Segovim são duas pequenas povoações que ficam nas orlas do pinhal de Leiria mandado semear pelo rei D. Diniz.

Diz a tradição popular que na povoação de Amor morava a amante do rei, e que, a horas mortas, quando todos dormiam no palácio, D. Diniz saía às escondidas para a ir visitar. Como é sabido, a rainha, pungida com a vida
desregrada do esposo, decidiu, certa noitentifical celebrado na Sé, segundo o rito da dar ladear o caminho escuro por dezepela Sixtina, a grandeza das procissões, o mendigos que, à passagem do soberano,rfume do incenso... Mas o que nos im-
riam acender osssionou mais protes de que iam mdamente foi a alegria
Calcule-se o asspovo, cuja alma sindo rei ante o oula, nimbada de júbilo
quela multidão dé, de reconhecimento
trapilhos que devoção, parecia ele-
querer profundar-se mais até se
gredos mais íntiroximar da sua que-
sua vida privadala Padroeira.
rando um pela goO povo, foi quem deu
timou-o a que lhemaior solenidade a
casse o que vinhta justa e enternecida
aquilo, e a que promemoração.

Estátua da Rainha... em Coimbra

vinha uma tal iluminação. Quem o tinha ordenado?

— Fui eu — respondeu docemente a rainha que ali se escondera para surpreender o marido na sua censurável digressão.

— E porquê?

sensibilizar o rei que logo se arrependeu da sua infidelidade, desculpando-se o melhor que pôde.

— E' verdade, Senhora, *cego vim*...

E voltou para o palácio acompanhado pela sua santa esposa. Ora, ao local onde a rainha surpreendeu o marido, passou logo a chamar-se *Cegovim*, em memória da frase do rei, nome que ainda hoje se conserva.

Querem mais prodigiosa imaginação que a do povo, o excelso jardineiro de lendas?

Na visita que fizemos a Coimbra, para assistir às festas do centenário da Rainha Santa, admiramos a imponência que a Igreja deu a essa justa comemoração com a presença do sr. Cardeal Patriarca, legado de Sua Santidade, que mais aumentou a pompa litúrgica das cerimónias.

Admiramos também o

Em cima: *A procissão passando a ponte. Rodeada de anjos, a formosa imagem da Rainha Santa segue no seu andor triunfal.*

Ao centro: *A recepção ao sr. Cardial Patriarca na Estação Nova, onde era aguardado pelo bispo de Coimbra e todas as figuras marcantes do clero.*

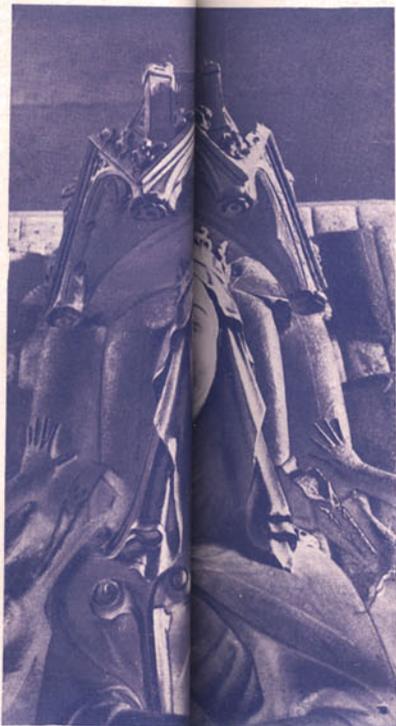
Em baixo: *a peregrinação subindo a Calçada da Ladeira, numa imponente manifestação de fé e carinho pela Santa Padroeira de Coimbra.*

Em cima: *A última procissão passando na Praça 8 de Maio num imponente cortejo triunfal em que a alma popular se elevava em prece.*

Ao centro: *A benção lançada pelo sr. Cardial Patriarca no majestoso templo de Santa Clara, onde o povo de Coimbra guarda o melhor do seu coração.*

Em baixo: *O cabido da Sé de Coimbra conduzindo em solene procissão, no Largo do Mosteiro, o cofre de prata que encerra o corpo da Rainha Santa.*

"ALLONENFANTS..."

O centenário dRouget de L'Isle

Como viveu e morreuautor da "Marselhesa"

Rouget de L'Isle improvisando a «Marselhesa»

PASSOU o 1.º centenário da morte de Rouget de L'Isle, autor famoso do "Cântico de Guerra para o Exército do Rheno" e que, como quási sempre acontece com os grandes génios, veio a finar-se na maior miséria.

Encontrando-se em Marselha, na pujança dos trinta e dois anos, a sua alma revolucionária aspirava aos mais largos horisontes que os traçados ao pôsto de capitão de engenharia que lhe estava confiado.

A França atravessava um período difícil, em que seria jogada a sua sorte. O rei Luís XVI encontrava-se preso com tôda a sua família, e o estrangeiro ameaçava invadir a pátria.

Um belo dia, à hora de jantar, agruparam-se em casa de Dietrich, novo *maire* de Estrasburgo, vários oficiais, entre os quais o inspirado Rouget que julgou oportuno erguer um brinde pelos exércitos nacionais, redentores duma formosa pátria.

Dietrich, antigo coronel dos suíços, lamentou que a França não tivesse ainda o seu hino nacional.

— Pois vou escrevê-lo eu! — exclamou o jovem Rouget — e vou escrevê-lo agora mesmo.

Retirou-se para um gabinete contíguo, e, decorridas duas horas, reparecia triunfante com a letra e a música do famoso hino. Ele próprio o cantaria ali mesmo para que todos o apreciassem. Uma das damas sentou-se ao piano, e, a breve trecho, Rouget de L'Isle erguia a sua voz portentosa ante o assombro dos presentes:

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé!
Contre nous de la tyrannie
L'etendard sanglant est levé!

Surgira uma alma nova em todos aquêles oficiais, cuja maior ventura, naquêle momento, seria marchar contra o invasor. Quando Rouget entoôu o côro:

Aux armes, citoyens!
Formez vos bataillons!...
Marchons! Marchons!
Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

todos se levantaram electrizados, a acompanhá-lo no maior entusiasmo.

Dentro em pouco, o hino era cantado em Estrasburgo e dali levado para Marselha, onde obteve um triunfo incalculável. A guarda nacional cantava-o nas suas cerimónias oficiais, e o povo nas ruas.

Como a pátria estava em perigo, era necessário agitá-la num impulso febril, galvanizar-lhe as energias depauperadas, redimi-la, enfim. Que todos se juntassem para o sacrifício patriótico, sem paixões vis nem ambições mesquinhas. Não eram os partidários da Montanha que encarceraram o rei, nem os *chouans* que preparavam a contra-revolução: eram todos os cidadãos franceses que se sentissem abrangidos pela formidável "Declaração dos Direitos do Homem", decretada, três anos antes, pela Assembleia Nacional. Naquêle momento, em que todos os corações se confrangiam na mais atroz incerteza, uma simples faúlha atearia um incêndio. E, assim, o cântico patriótico andava de bôca em bôca:

Aux armes, citoyens!
Formez vos bataillons!...
Marchons! Marchons!

Maria Antonieta

Quando o celebrado batalhão 10 de Agosto fez a sua marcha sôbre Paris, foi cantando a "Marselhesa" que realizou a sua entrada triunfal.

A ingratidão chegou, como não podia deixar de ser, pouco depois. Luís XVI dissera junto do cadafalso as seguintes palavras:

"— Môrro inocente! Perdôo aos meus inimigos, e só desejo que o meu sangue redunde em proveito dos franceses e aplaque a ira de Deus!"

Maria Antonieta, conduzida junto da guilhotina, sentiu faltar-lhe a coragem varonil que sempre a acompanhara. Era mãe, e custava-lhe deixar os filhos. Ao fitar as Tulherias, onde entrara triunfalmente, vinte anos antes, aclamada pelo entusiasmo dessa mesma multidão que a cobria agora de insultos e afrontas, marejaram-se-lhe de lágrimas os lindos olhos.

O sacerdote que a acompanhava, ao dar-lhe a absolvição, que ela recebeu de joelhos, disse-lhe lugubremente:

"— Dentro em pouco, princesa desgraçada, tereis coroado com um glorioso martírio a longa agonia que os tiranos vos fizeram sofrer. Dentro em pouco os anjos de Deus juntarão a vossa alma com a do vosso espôso".

— "Tende-me sempre presente nas vossas orações — respondeu a rainha — e não desampareis os meus pobres filhos!"

E, numa invocação suprema, balbuciou, elevando os olhos ao ceu:

"— Meu Deus! recebei a minha morte em desconto dos meus pecados!"

Pouco depois a cabeça da rainha caía decepada no cêsto ensangüentado da máquina fatal.

Ora, Rouget de L'Isle teve conhecimento dêstes factos, e não pôde deixar de os reprovar com tôda a indignação da sua alma generosa.

Daí o ser apodado de defensor da realeza, e, como tal, atirado para um cárcere lôbrego e sem ar.

Entretanto, lá fóra, a multidão alvoroçada, continuava a entoar com vivo delírio as notas arrebatadoras da "Marselhesa"!

Faltava-lhe ainda a suprema das afrontas, o piór dos insultos: o ser perseguido por Napoleão Bonaparte, o estrangeiro videirinho que, tendo renegado a pátria em proveito dos seus interesses, se atrevia a perseguir o mais ardente e o mais austero dos patriotas franceses!

Forçado a esconder-se como um bandido, Rouget de L'Isle não pôde defender-se do ataque traiçoeiro de seu irmão, o general Rouget que se lhe apoderou dos exíguos meios de fortuna de que ainda podia dispôr. E, assim, fôram decorrendo os dias, os mêses e os anos, até que se aventurou a aparecer em Paris. Lançado na mais negra miséria, conseguiu alojar-se num cubículo quási tão infecto como o cárcere em que o tinham encerrado no glorioso comêço da sua carreira.

Conta-se que o escultor David d'Angers, desejando, certo dia, completar a sua galeria de medalhões de homens célebres, foi visitar Rouget de L'Isle, na intenção de lhe modelar as feições.

Em face dum velho andrajoso, com os cabelos desgrenhados, o escultor declarou à porteira que o acompanhara:

— Eu procuro o sr. Rouget de L'Isle.

— É êsse senhor.

— O quê?! Este? O autor da "Marselhesa"?

— Este mesmo.

O grupo «A Marselhesa», de Pil, no Arco do Triunfo, em Paris

Os dois artistas fitaram-se e compreenderam-se.

Ontem como hoje, e como sempre, ter talento é mil vezes mais perigoso que assaltar um banco ou assassinar um homem.

Tempos depois, Rouget de L'Isle obteve agasalho em casa da família Voïart que o rodeou de carinhos.

Carlos X, rolava do trôno, aos trambulhões, para dar passagem a Luís Felipe d'Orléans, embora a França nada ganhasse com a trôca.

Em plena revolução, o povo batia-se, entoando o seu hino:

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé!
Contre nous de la tyrannie
L'etendard sanglant est levé!

E Rouget, quási octogenário, preguntava à filha que o afagava:

— Já cantam a "Marselhesa"?

— Cantam, sim, meu pai.

— Então vai mal para a tirania, digo-to eu.

Na rua, a multidão continuava:

Amour sacré de la Patrie,
Conduis, soutiens nos bras vengeurs!
Liberté, liberté chérie,
Combats avec tes défenseurs!

— Minha querida filha — murmurava Rouget de L'Isle — a Liberdade não tarda aí, verás··· sou eu que to digo.

Na hora da sua morte, Rouget teve junto do seu leito grande número de amigos. Faltava um: Bèranger, o autor de tantas canções patrióticas, e que Rouget muito estimava. Como preguntasse por êle, disseram-lhe que também se encontrava doente. Prometera, no entanto, aparecer logo que melhorasse...

Pobre Rouget! Expirava dali a momentos!

A "Marselhesa" continuou a ser cantada através do mundo inteiro.

Vem a propósito dizer que a última estrofe não é de Rouget, nem mesmo se sabe de quem. Diz assim:

Nous entrerons dans la carrière
Quand nos aînés n'y seront plus.
Nous y trouverons leur poussière
Et la trace de leurs vertus.
Bien moins jaloux de leur survivre
Que de partager leur cercueil
Nous aurons le sublime orgueil
De les venger ou de les suivre!

Foi atribuido por êrro a M. J. Chènier, tendo o jornalista Louis Du Bois e o abade Antoime Pessonneaux reivindicado a sua paternidade. Que não é de Rouget de L'Isle, não é. Falta-lhe o fogo sagrado que abrasa as multidões.

De resto, essa estrofe, dedicada à infância das escolas, não podia entrar no hino de guerra do inspirado capitão de Estrasburgo, cujo único fim era o de animar os franceses para a expulsão imediata dos seus opressores. Pobre França se tivesse de esperar pelas criancinhas!

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

Danças rítmicas

UMA originalidade nas danças rítmicas executadas no Stadium Elisabeth, por mais de 800 raparigas, por ocasião das festas da «Femina Sports». A nossa gravura representa as bailarinas atirando bolas que apanham no ar, sem perder o ritmo da sua dança. Apesar do vento de incerteza que passa, podemos dizer que ainda há coisas belas neste mundo!

As corridas do A. C. F.

UM dos mais curiosos aspectos da corrida do «Grand Prix» do A. C. F.: Dado o sinal da partida, os corredores precipitam-se para os carros com a ânsia que se calcula... Pelo visto, agora, para se conseguir ser um bom corredor de automovel, é necessário ter também as qualidades de um bom corredor pedestre. Ninguém pode saber onde iremos ter por êste andar...

A actividade duma ministra

O desporto — ambição da juventude

A ministra da Saúde Pública, M.me Brunschwig, que Léon Blum escolheu para fazer parte do seu gabinete, toma a sério as suas funções, visitando minuciosamente os preventórios, afim de verificar por seus olhos como funcionam, e quais as suas necessidades mais urgentes. A nossa gravura representa-a numa dessas visitas, interrogando com desvelo uma internada.

O desporto é hoje, mais do que nunca, a maior preocupação da mocidade de todo o mundo. Pelo que acima se reproduz, vê-se a solenidade duma manifestação desportiva levada a efeito, em Paris, por um grupo de rapazes e raparigas, hasteando orgulhosos as suas bandeiras. Chega-se a ter a impressão de estarmos regressando aos tempos da Grécia de Péricles.

Festa diplomática em Toquio

O ministro de Portugal em Toquio e Senhora Tomaz Ribeiro de Melo ofereceram no dia 26 de Maio último um banquete de boas vindas ao novo ministro da Noruega, sr. Finn Koren e Senhora que, durante 14 anos, representou o seu país em Portugal. Na assistência notam-se, além dos ilustres homenageados os ministros da Suécia, do Sião, da Polónia, da Roménia e Espôsas, os da Checoeslováquia e Dinamarca, Barão R. Bertouch-Lehn; e os secretários das Legações dos Paises-Baixos, da Noruega, sr. Prahl Reusch, que serviu também na Legação em Lisboa e de Portugal e Senhora. Após o banquete dançou-se animadamente, evocando-se por vezes o lindo Portugal tão carinhoso e distante.

O homem que chorou a Bastilha

Toda a gente fala na tomada da Bastilha como tendo constituido um dos mais belos triunfos que o povo francês poderia almejar, e daí a comemoração do desastrado fim dessa fortaleza caduca que um preboste, cioso da defêsa de Paris, mandára erguer no século XIV para se defender dos ataques ingleses. Ainda hoje é recordado o retumbante feito de 14 de Julho de 1789 como a destruição dum mostrengo que persistia em mostrar-se, num arreganho provocador, ante o povo irado, numa atitude de sentinela perdida do feudalismo.

Richelieu, não tendo dado grande aprêço ás vantagens defensivas da Bastilha, transformou-a em prisão do Estado em que só poderiam encontrar alojamento indivíduos de categoria que não se sentiriam bem entre os encarcerados da Bicêtre ou do Chatelet, vagabundos e ladrões, na sua maior parte.

Entrava-se para a Bastilha por mercê especial do rei, e todo aquêle que tivesse essa honra, era forçado a pagar a sua hospedagem como em qualquer hotel. Segundo as crónicas do tempo, Luis XIV mandou para lá uma média de 30 por ano, que é como quem diz uns 240 hóspedes em todo o seu reinado. Apesar desta afluência de pensionistas, o governador da prisão não conseguiu nunca manter o equilíbrio orçamental, verificando-se que o Estado gastava com a Bastilha uma verba anual superior a 300 mil francos. Para onde iam as receitas extorquidas aos prisioneiros com a pontualidade que se calcula?

Ninguem o soube explicar, a começar pelo próprio governador que apenas pensava em aumentar a sua fortuna pessoal. Por êste motivo, o ministro Necker deliberou mandar arrazar a velha fortaleza, e fazer no local desocupado uma praça ajardinada que passaria a chamar-se Praça Luis XVI. Para isso foi chamado o arquitecto Corbet que começou a gisar o plano.

Foi nessa altura que o povo de Paris, acossado pela fome, começou a cometer excessos que, segundo se diz, eram fomentados pelo duque de Orléans. No dia 28 de Abril de 1789, uma multidão de maltrapilhos invadiu o bairro de Saint Antoine, no firme propósito de o arrazar, se lhe dessem tempo para tanto.

A tomada da Bastilha

Havia ali o estabelecimento de papeis pintados pertencente a um tal Reveillon que tivera a sorte de enriquecer e de dispôr, por isso, duma certa influência junto dos nobres que a êle recorriam nos grandes apêrtos financeiros. Tanto bastou para que o abade Roy, antigo secretário do conde de Artois, urdisse uma intriga tenebrosa, denunciando aos maltrapilhos ululantes o comerciante papeleiro como o mais perigoso sustentáculo da Côrte que expoliava o povo. A multidão, conduzida como um rebanho de carneiros, invadiu o estabelecimento de Reveillon, e transformou tudo, em pouco tempo, num montão de ruinas fumegantes. Os assaltantes rugiam pragas sangrentas contra os nobres, e, no entanto, faziam o jogo do nobre duque de Orléans que, como déspota, ultrapassaria trinta vezes o pusilánime Luis XVI!

Luís XVI na lanterna

Reveillon, não podendo salvar a sua casa, tratou de salvar a vida que milhares de chuços ameaçavam a cada canto e a cada momento. Para maior segurança, foi refugiar-se na Bastilha, confiado na espessura invulnerável das suas paredes. Ali, sim, poderia viver à sua vontade, embora tivesse de dispender mais do que em qualquer dos melhores hoteis da capital, visto o governador ser mais ganancioso que um hospedeiro de Lyon. Quando lhe constou que o govêrno ia acabar com a Bastilha, o preso voluntário suspirou por não saber que voltas havia de dar á sua vida. Se o puzessem na rua, nem a alma se lhe aproveitaria, pois, sendo muito conhecido, não deixaria de ser abatido como uma rez, ao voltar a primeira esquina.

E daí — quem sabe? — a deliberação do govêrno ainda deveria ter as habituais demoras de execução. Até lá, se Deus lhe désse vida e saúde, tudo se arranjaria sem entraves de maior.

Entretanto, os ânimos teriam acalmado, e o seu delito de ter enriquecido á custa dos seus papeis pintados, agravado pela assistência monetária que dava aos aristocratas, mediante bom juuro, desvanecer-se-ia como fumo de palha.

Esta esperança não deixava de assentar na sua base de lógica, e os cálculos do desventurado Reveillon estariam certos, se a populaça não se antecipasse a dar cabo da sinistra prisão, podendo êste feito ser considerado o prelúdio da Revolução Francesa.

No dia 14 de Julho de 1789, o povo correu aos Inválidos á procura de armas, e, como se soubesse que na Bastilha havia outro depósito de armamento, surgiu alguem que alvitrou: «A' Bastilha! A' Bastilha»!

E, então, aquela hidra de mil cabeças correu para a célebre prisão, assaltando-a com tal denodo que deixou 98 mortos e 60 feridos. Arrombadas as portas, toda a guarnição da Bastilha, constituída por 95 veteranos e 30 suiços, foi chacinada sem piedade.

Deram cabo da trágica sentinela do feudalismo, lá isso deram, mas deixaram o pobre do Reveillon sem casa, se é que conseguiu escapar da espantosa carnificina...

A QUINZENA DESPORTIVA

Grupo de football do Sporting vencedor do Campeonato de Portugal

A primeira fase da época portuguesa de atletismo em pista, reservada às provas oficiais dos juniores decorreu com excepcional brilhantismo e autoriza-nos a considerar em caminho de franco progresso a evolução da especialidade.

Tanto nos campeonatos do Porto como nos de Portugal, mais ainda nos campeonatos de Lisboa, os resultados mostram considerável melhoria em relação ao passado e dentre o pelotão valoroso dos concorrentes, destacam-se alguns homens de classe muito apreciável.

Para ajuizar duma maneira geral a excelente média dos resultados obtidos nos torneios disputados em Lisboa, saiba-se que foram batidos seis e igualados dois "records" nacionais da categoria, e nas quinze provas constantes do programa, as marcas dêste ano foram as melhores conseguidas nos campeonatos em 11 provas dos regionais e 9 provas dos nacionais.

Merece a primeira referência de destaque a representação enviada pelo Sporting de Braga, única equipa que veio à capital provar a actividade do atletismo nortenho. O discóbluo Gonçalves Vieira, o corredor de barreiras Araujo Vieira, o saltador em altura Correia Branco e o saltador à vara Abel Oliveira, conquistando os títulos máximos das suas especialidades, mostraram boas aptidões que lhes hão-de permitir triunfos entre os melhores quando a prática lhes assegurar uma técnica mais aperfeiçoada.

Da multidão de novos elementos apresentados pelos três grandes clubes lisboetas, Sporting, Belenenses e Benfica, há a salientar em plano de grande relêvo três rapazes: Manuel Nogueira, Manuel Emídio de Oliveira e Barreiros Gomes, reservando segunda referência para Neves Carvalho, Ramiro Ferrão, Carlos Antero, Raul Rogério, Manuel Farinha e António Calado, que confirmaram ou prometeram classe apreciável.

Barreiros Gomes, que não é um novo da pista, mas sim um atleta consagrado com alguns anos de prática e créditos firmados em Lourenço Marques, donde veio em 1935, prodigalizou a sua actividade, pelas mais variadas especialidades, mas apenas em provas de velocidade prolongada, possui valor para repetir entre os seniores o êxito agora alcançado. Convenientemente trabalhado, é um homem para baixar o "record" nacional dos 400 metros.

Manuel Nogueira, corredor de meio fundo

Manuel Nogueira é um especialista de meio-fundo que há de dar que falar; excelente passada natural, velocidade aliada a resistência, os defeitos que se lhe podem apontar são conseqüência lógica da sua inexperiência, e o tempo os corrigirá. Falta-lhe ainda a noção do ritmo, da cadência no passo, virtude indispensável nos corredores da sua categoria, mas não devemos esquecer que é um estreante da época.

O saltador em comprimento Manuel Emídio de Oliveira alcançou uma proeza extraordinária; usando ainda um estilo rudimentar, com velocidade de corrida deficiente, atingiu uma distância, $6^{m},64$, que é o terceiro melhor resultado da especialidade na história do atletismo português, isto sendo um principiante da época passada durante a qual tomou parte em dois únicos concursos classificando-se com $5^{m},68$ e $5^{m},73$. Progredir quási um metro apenas pela virtude das qualidades naturais, é resultado para nos deixar confiantes.

■

Terminou no primeiro domingo do mês o 15.º campeonato nacional de futebol, tendo triunfado o Sporting Club de Portugal que bateu por 3 bolas a 1 o Club de Football "Os Belenenses".

A prova foi o digno complemento duma época animada e interessante, que o inverno rigoroso prejudicou bastante, afastando dos campos grande número de espectadores.

O encontro final, apesar das tradições que o valorizam como um dos principais acontecimentos da vida desportiva portuguesa, foi presenciado por uma assistência sensivelmente inferior à que nos anos precedentes acorrera ao Estádio do Lumiar.

O Sporting que desde 1922, data em que foi criado o campeonato, alinhava pela oitava vez no jôgo decisivo, sendo esta a quarta consecutiva, obteve o seu terceiro título, igualando assim o activo já anteriormente atingido pelo Football Club do Porto, pelo Belenenses e pelo Benfica.

O seu adversário adquirira o direito de o enfrentar na final, prestigiado pelas eliminações do Benfica e do Porto, considerados pela opinião crítica os dois favoritos da competição; animados pelas proezas anteriores, os seus jogadores lutaram com o maior entusiasmo, mas sucumbiram ante a superioridade técnica dos sportinguistas, aos quais venderam caro a derrota.

O desafio foi presidido pelo sr. Presidente da República, que entregou ao capitão do grupo vencedor a taça do campeonato, assistindo também o sr. ministro da Marinha, representante do sr. ministro da Educação Nacional, vereadores, etc.; registemos agradàvelmente o facto como um sintoma de acréscimo de interêsse oficial pela actividade do desporto.

■

Decorridos vinte e dois anos de interregno, foi organizada em Lisboa uma corrida de Maratona, no percurso clássico dos $42^{km},165$; iniciativa felicíssima da Federação de Atletismo que lhe permitiu encontrar três representantes de classe internacional para o torneio olímpico de Berlim.

As provas de grande fundo em estrada constituem um excelente meio de propaganda do atletismo e os seus campeões conquistaram prontamente grande popularidade. Recordemos o nome saüdoso do infeliz Lázaro, enviado aos jogos de Estocolmo, portador de tôdas as esperanças portuguesas, para sucumbir, como um heroi lendário, baqueando em plena luta.

O tempo "record" de Francisco Lázaro, que era também o melhor até hoje conseguido em Portugal, foi de 2 h. 52 m. 8 s., marca notável que permitiu aos técnicos da época encarar a hipótese duma vitória olímpica.

Que havemos, então, de pensar das 2 h. 37 m. 20 s. de Manuel Dias, o vencedor da Maratona Nacional de 1936? Em nossa opinião, o corredor benfiquista merece ser considerado como um dos melhores elementos de tôda a representação portuguesa nos jogos da XI Olimpíada, cujo lugar brilhantemente conquistou.

Estudemos o que dizem os números.

O sul-africano Mac Arthur, que triunfou em 1912, na Suécia, gastou 2 h. 36 m. 55 s. a percorrer a distância; quási o tempo do nosso Dias.

Não se julgue que os progressos resultantes da evolução do tempo desvalorizam o feito do corredor lisboeta; apesar de volvidos vinte e quatro anos o tempo de Mac Arthur conserva todo o seu merecimento, pois confrontado com os resultados da Maratona dos últimos jogos, em Los Angeles, corresponde a um 6.º lugar, o mesmo que Manuel Dias ocuparia com a sua prova do dia 5 de Julho, (o 6.º homem em Los Angeles foi o japonês Kin, em 2 h. 37 m. 28 s.).

Manuel Dias, á chegada da corrida da Maratona

Desde a renovação dos jogos após a guerra, os tempos dos vencedores da Maratona têm sido os seguintes: em Antuerpia, o finlandês Kolehmainen em 2 h. 32 m. 35 s. 4/5; em Paris, o finlandês Stenroos em 2 h. 41 m. 22 s. 3/5; em Amsterdão, o francês El Ouafi em 2 h. 32 m. 57 s.; em Los Angeles, o argentino Zabala em 2 h. 31 m. 36 s.

Coloquemos, agora, uma fantasia de imaginação, o tempo de Manuel Dias na escala dos classificados em cada uma destas provas. Vê-lo-íamos 4.º em Antuerpia, no lugar do belga Broos em 2 h. 39 m. 26 s.; em Paris, 1.º; em Amsterdão, 8.º, no lugar do inglês Ferris, em 2 h. 37 m. 41 s. e, finalmente, em Los Angeles 6.º, como já acima dissemos.

Bastam estes elementos para permitir a afirmação da grande classe internacional de Manuel Dias. Não o consideramos possivel vencedor na Alemanha mas deve obter um posto honroso; tem faculdades para terminar a prova entre os dez primeiros, o que seria um triunfo para o nosso atletismo.

O campeão português não deve, no entanto encontrar-se isolado na prova; dois competidores Jaime Mendes e António da Fonseca, realizaram prova que os avalisa para Berlim como companheiros de Dias. O primeiro chegou em 2. h 42 m. 55 s. e o segundo em 2 h. 44 m. 27 s.

Comparemos uma vez mais: T. Kolehmarien, 10.º em Antuerpia, 2 h. 44 m. 3 s.; em Paris o italiano Bertini, 2.º ficou em 2 h. 47 m. 19 s.; Brecker, 10.º em Amesterdão, 2 h. 39 m. 24 s.; Oldag em Los Angeles, 2 h. 44 m. 38 s.

Nunca o atletismo português contou com um efectivo tão valoroso para uma representação olímpica, como êste terceto de corredores.

António Calado, campeão nacional junior

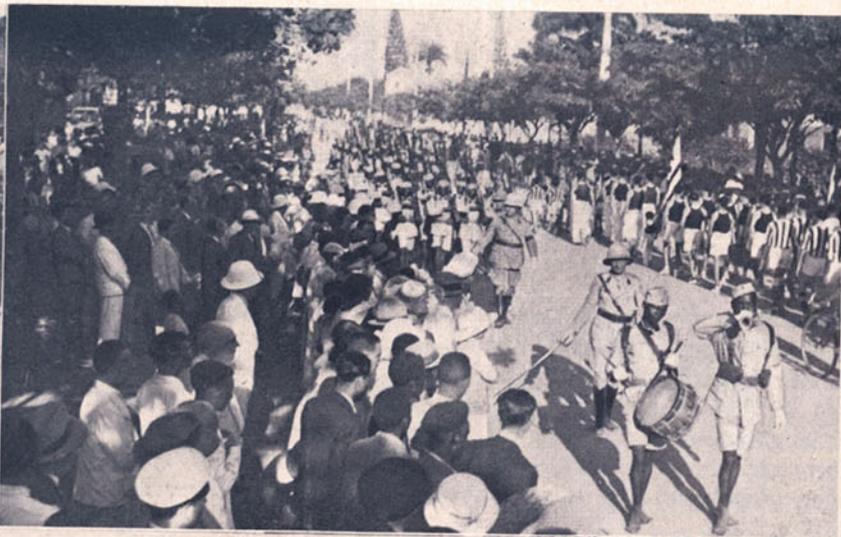
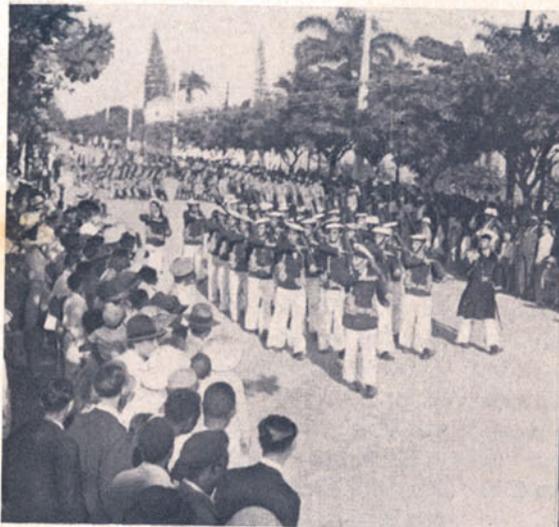
Salazar Carreira

BENGUELA E AS SUAS ASPIRAÇÕES

A graciosa cidade de Benguela, talhada em moldes modernos, agradável à vista, não cessa de expandir-se e dar sinal de si. Quando há vinte anos a visitamos manifestava já uma elegância muito sua, nascida de si própria, embora não dispuzesse ainda do mais necessário para ser chic.

Benguela já nesse tempo atraía todos aqueles que a visitavam. Agradava, eis o termo. Dava a impressão duma linda rapariga a quem até um vestidinho de de chita fica bem. Lá que tinha aspirações, nisso nunca nos enganou. Graças à sua persistência, ao seu trabalho, conseguiu realizar num curto espaço de tempo grandes melhoramentos que muito a honram e dignificam.

Agora, aproveitando a comemoração do dia 28 de Maio, efectuou a instalação da 9.ª Companhia Indígena de Infantaria que disporá, na cidade, de umas 150 praças, embora o seu efectivo seja mais elevado, pois fica um destacamento em Vila Arriaga, sob o comando de um oficial. Foi também inaugurado o Hospital-isolamento "Eurico Nogueira" para doenças contagiosas, e criado um albergue nocturno. Finalmente, foram inaugurados os trabalhos para a construção da cadeia comarcã.

Que mais desejará agora a formosa Benguela? Quem poderá sondar as suas aspirações. As cidades como as mulheres, quando são bonitas, e sentem a perfeita compreensão dos seus maravilhosos encantos, desejam tudo — e tudo merecem.

Em cima: *O desfile das fôrças de marinha (destacamento da «Ibo») no Largo do Município, em frente da tribuna onde se encontrava o governador da Província*

A' direita: *O desfile da 9.ª Companhia Indígena de Infantaria que acaba de ser instalada na cidade de Benguela*

Ao centro: *A inauguração dos trabalhos para a construção da nova cadeia comarcã*

Em baixo, á esquerda: *O desfile da secção de futebol do Sport Club Portugal, seguido da secção do Sport Lisboa e Benguela, verdadeira manifestação sàdia e esperançosa da mocidade benguelense*

A' direita: *O desfile das escolas em frente do Largo do Município, sugerindo a única divisa a conceder-lhes:* Mens sana in corpore sano

A MODA E O MOBILIÁRIO

SINTOMAS DA ÉPOCA

É interessantíssimo visitar nos Museus a parte reservada ao mobiliário e verificar nela, como a maneira de vestir da mulher, tem uma influência extraordinária nos móveis que a rodeiam. Esta observação faz-nos ver qual a importância, que a mulher teve sempre na sociedade, de todos os tempos, embora se queixasse amargamente de não realizar a vida que ela sonhára.

A casa e o mobiliário adaptaram-se sempre, não ao gôsto do homem, à sua maneira de trajar, mas sim à mulher e ao seu gôsto.

E é sempre na casa que a mulher poderá ter o seu verdadeiro triunfo. Embora o feminismo exija egualdade de direitos para a mulher, êsses direitos, claro que não podem ser para tôdas as mulheres. Há mulheres inteligentes, que pelo seu valor, pela sua energia podem servir a sua pátria, auxiliar a humanidade em trabalhos, que até à guerra, eram só para os homens, mas essas excepções confirmam a regra e as mulheres em geral não nasceram para isso.

Quais são afinal os direitos que a mulher da sociedade exige para si? O direito de se divertir com a máxima liberdade, porque nada mais a vejo fazer.

Guiar automóveis, fumar, flirtar sem recato, são talvez os únicos direitos do homem, que as senhoras reclamam, mas são tão insuficientes, tão fúteis e tão degradantes até, êsses direitos, que não vale a pena discutir-lhos e seria até muito para desejar que a mulher do nosso tempo os não tivesse, porque em nada a glorificam e a tornam superior à recatada mulher de outros tempos, que ao seu lar e à sua família dedicava todos os seus momentos, e a liberdade e o ócio eram aproveitados em trabalhos de utilidade.

Mas, voltando ao assunto do mobiliário, examinemos como êle se liga sempre à aparência e vestuário da mulher e nem sempre está em harmonia, com as teorias das higienistas e as regras da civilização.

Na época em que as mulheres usavam amplas e rodadas sáias, «paniers» como lhe chamavam as francesas, as cadeiras sólidas e grandes permitiam-lhes que se sentassem sem prejudicar essa admirável armação de sanefas e laços, que era uma sáia de então.

Depois veio o primeiro Império com o seu vestuário à grega e à romana da antigüidade e o mobiliário sofreu uma completa reforma.

Apareceram os canapés em forma de leito romano, onde mulheres estatuadas como Madame Récamier e Paulina Borghése se estendiam compondo as pregas das suas túnicas de musselina branca, que ressuscitaram a elegância única das estátuas da antiguidade, que são um dos mais belos patrimónios da civilização de hoje.

O mobiliário com as suas aplicações de bronze sôbre o mogno pálido evocou o mobiliário romano, que tornou célebre o fausto grandioso de Nero, o fenómeno humano mais completo, que a uma alma de artista aliava os instintos mais completos de féra, que um tarado pode apresentar.

Em 1900 a moda aproximou-nos pelo penteado, pelo amplo de algumas sáias, pelas mangas semi curtas e guarnecidas de rendas, pelos chapelinhos Watteau, da elegância do século XVIII e ressurgiram os móveis Maria Antonieta e Luís XVI, laçadas a branco e ouro, que recordavam uma imitação imperfeita os salões de Versailles e os pequenos recantos do Trianon.

Em seguida, a moda trouxe-nos os vestidos camisas, as sáias curtas, o abandono das cintas, os casacos largos, e surgiram os cómodos «maples» onde a mulher se aninha e enrola.

Mas a moda tão inquieta como o oceano, rola nas suas vagas de renda a mulher, como êste rola os barcos nas suas ondas de espuma prateada, e a moda de hoje está ressuscitando em penteados, chapéus, amplidão das sáias de alguns vestidos de noite, o segundo Império, essa época de frivolidade da França em que a vontade duma linda e loira mulher, imperava e em que o luxo das festas de Compiégne deixou um éco que chegou até nós, apesar do ruído estridente da temivel derrocada, que sepultou o Império francez e a dinastia dos Bonapartes.

Essa moda de toucados de flôres que as nossas elegantes de agora não desdenham, de joias pesadas e rutilantes, que brilhavam nos delicados pescoços curvando-os e nos pulsos frágeis, algemando-os, renasceu! A mulher usa de novo a cinta, que tanto se aproxima do espartilho tão execrado, há dez anos, a sua esbelta figura é retratada no vestido cingido ao busto, os chapéos floridos lembram o célebre quadro de Winterhalter que representa a Imperatriz Eugénia rodeada das suas damas de honor numa reunião de belezas estonteantes, e imediatamente, o mobiliário começa a modificar-se.

Aparecem como camas os «divans», «capitonnés» êsses célebres «capitonnés» que os higienistas condenaram como ninhos de poeira e refugio de micróbios. Mas que importa à mulher, que qualquer coisa seja prática, ou mesmo higienica, se não concordar com a sua «toilette» e destoar da sua silhueta gentil?

E' êste o verdadeiro instinto da mulher, que nada pode modificar, nem teoria alguma demover. Há mulheres que nasceram para ser belas, para impôr leis de elegância, para resolver as modas, sepultar umas e fazer ressurgir outras, dar-lhes vida, criá-las, e a mulher que uma manhã ao acordar, sorriu ao espelho e sentiu que a sua beleza, o estilo qua convinha era o do segundo Imperio, vestiu-se como entendeu, fez ressurgir o setim «capitonné» que emoldurou as belezas delicadas das mulheres de então, guarneceu os seus móveis de tartaruga, com serpentinas de cristal, e, decretou que assim se vestiriam tôdas as mulheres e assim se mobiliariam tôdas as casas elegantes, e, esta lei, a única a que tôdas as mulheres obedecem sem recalcitrar, vem provar-nos, que a mulher foi feita para a beleza, para a elegância, mesmo para o lar e para a família, mas nunca para a vida masculina, que os seus delicados nervos não suportariam e murcharia a sua beleza.

A mulher não veiu ao mundo para se exibir como fenómeno de fôrça física, mas para encantar com a sua delicadeza, a sua meiguice e a sua ternura.

A mulher pode ser considerada o mais interessante paradoxo que um cérebro engenhoso congeminaria ao cabo de muitos anos de locubrações: Tôda a fôrça da mulher reside na sua própria fraqueza. E aqui está o verdadeiro encanto feminino.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Em Lourdes a cidade da fé e das impressões espirituais, o nosso espírito a nossa alma, são sempre sentidas pelas mais variadas emoções.

Nesse ambiente de religiosidade, nes a paisagem soberba de beleza nós sentimos elevar-nos muito acima dos mesquinhos interêsses da terra, das vaidades míseras e insignificantes de todos os dias.

Quando a Mãi de Deus escolheu na sua doce misericórdia aquele suave recanto dos Pirineus, para aparecer a uma pobre pastorinha, ignorante e doente, mas de alma pura e elevada, sabia já o bem que vinha trazer à pobre humanidade, que sempre e como faria sentir o poder da sua graça e da sua infinita Bondade.

Ali corre a humanidade que sofre, ali se ouvem no mesmo dia implorar as suas graças numa variedade de idiomas, que faz lembrar a Tôrre de Babel e a Mãi de Deus sorridente, do alto da gruta, ouve os homens e faz um milagre constante, porque se nem sempre cura os corpos libertando-os do martírio da doença, dá a vida às almas na fé com que as vigora e é essa uma das maiores graças.

As doentes que agora estavam em Lourdes vinham de todos os pontos da Europa. Austríacos que tinham atravessado vários países para ali chegarem.

Italianas que vinham de Turim. Montanheses do Jura, que dum extremo ao outro da França vinham trazer o seu desejo de cura e afirmar a sua fé viva na Mãi de Cristo, na doce Mãi da Humanidade. Gaudezes que das próximas e arenosas planícies traziam o seu brado e uma grande peregrinação ingleza, a peregrinação nacional que atravessando a Mancha trouxera por mar e terra os seus pobres doentes angustiados e febris na ancia da cura, na esperança das melhoras Mas cheias da mais viva fé, aconpanhadas pelo Arcebispo de Westeminster, Monsenhor Austery que piedosamente as auxiliava na sua peregrinação de amor e de fé.

E se a Mãi Santíssima os não curam nos seus males corporais, era consolador ver como até àqueles que estendidos em macas, inertes, diziam num doce sorriso apoz a benção do Santíssimo: não foi hoje, mas a minha fé é a mesma e a minha esperança igual.

E nunca na minha vida senti uma tão profunda impressão do que é êsse sentimento sobrenatural da fé, como ao vê-lo refulgir nesses rostos a que a educação perfeita ensinou a não ter manifestações excessivas.

Também como nenhuma as sérvitas inglesas me deram a impressão do que é o amor do próximo e a caridade que vem da alma.

Essas raparigas tôdas novas, tôdas bonitas, tôdas saudáveis e frescas como rosas que demonstram o valor da mulher quando ela sabe e quer aproveitar os maravilhosos dons que Deus lhe dá. Essas admiráveis raparigas cuja fresca beleza não precisava do artifício para brilhar, passavam o dia com êles e acompanhando-as iluminando-as com a sua alegria.

Porque a sua compaixão não era triste e o sorriso ajudava-as a suportar a decepção, que lhes trazia o não serem curadas e levantava mais alto a sua fé, num hino de religiosidade, que transportava as almas aos pés de Deus, num esquecimento completo dos males dêste vale de lágrimas.

E há homens de dura alma que negam a existência de Deus e que querem tirar a fé ao seu semelhante. a fé, que é o único bem real, que a humanidade possui.

E há mulheres que possuindo os mesmos dons das graciosas sérvitas inglesas, desperdiçam numa vida inutil, para elas e para o próximo, na caça do inutil divertimento e ao prazer, que só lhes pode trazer o tédio, o fastio e muitas vezes a desgraça duma vida inteira.

E a mulher pode fazer tanto quando trabalha para o bem com um fim superior e elevando-se acima da humanidade, numa fé e num ardor espiritual.

E quanto bem não fizeram essas crentes sérvitas inglesas que atravessando mar e terra, vieram acompanhar as doentes do seu país até aos pés da Mãi de Deus e implorar para as outras a graça de Maria Santíssima, nessa gruta que a sua presença santificou e que os seus inúmeros milagres tornaram um lugar de esperança para as que sofrem, um refúgio para a humanidade que crê e que ali se sente fora do mundo de maldade e num recanto do ceu.

Maria de Eça

A moda

Com a aproximação da época das praias trabalham costureiras e modistas para pôr em ordem os guarda-roupas das elegantes, que vão gozar as suas férias em praias ou termas da moda, que exigem uma apurada «toilette». Nas praias é mais fácil a «toilette», «maillots» e vestidos de banho de sol, são de dia o único vestuário da mulher, e, só à noite se usam vestidos.

Assim como os vestidos de noite são menos decotados e cobrem melhor a mulher, também as senhoras que verdadeiramente o são, têm abandonado o uso dêsses «maillots» escandalosos, que nem estética têm, e que são impróprios duma senhora.

A mulher é sempre exagerada e ao libertar-se daqueles fatos de banho de cauda e calças até o tornozelo, embriagou-se com a liberdade e chegou ao extremo da folha de parra.

Infelizmente, que a reacção começa a fazer-se sentir e as senhoras usam o «maillot» mais decente.

Para as termas temos de manhã um lindo vestido em tecido de algodão, da forma mais simples, abotoado à frente com um cinto do mesmo; a sua graça está no tecido e no côrte que são verdadeiramente elegantes. O tecido é encantador de leveza e de frescura.

Para a tarde temos um lindo modêlo em setim preto, guarnecido com um «empiècement» em renda creme muito fina. Nada há que dê um melhor efeito do que esta junção da renda fina com o setim brilhante, o tom mate da renda, harmoniza-se admiràvelmente com o brilho dosetim e dá um conjunto elegantíssimo.

O feitio duma grande simplicidade molda o corpo tendo à frente e um pouco ao lado uma abertura que é da maior comodidade para o vestir e que fecha com botões do mesmo setim. Uma flor amarela e vermelha guarnece o pescoço.

Um pequeno chapéu também em setim, guarnecido com um véu elegantemente posto completa esta «toilette» que é do maior «chic» e elegância.

E é uma «toillete» que pode bem ser usada numa festa de tarde num casino, ou mesmo na cidade, porque pela sua simplicidade não dá mau efeito na rua.

Para a noite temos uma dessas «toilettes» que a moda inventou nesse tecido deslumbrante, que é a «lellophane» atenuado o seu brilho com folhas de tule de dois tons de cinzento, côr da «lellophane». E' um dos caprichos da moda o uso das côres neutras, como o «gris» e o «beige» nos vestidos de noite. Há pessoas a quem ficam bem estes vestidos, mas pessoalmente, prefiro os vestidos brancos, pretos, ou duma côr delicada mas franca, como o rosa, o azul e o verde água. No peito é guarnecido por duas lindas magnólias brancas.

Nos chapéus temos êste ano as maiores variedades, desde a grande «capeline» ao minúsculo chapelinho que se não fôsse o véu, que o guarnece, quási se não via.

O «breton» está muito em moda, mas começa agora também a ver-se o chapéu chamado «toreador». E' uma pequena touca em «taffetas» preto pespontado, que tem a forma dos chapéus dos toureiros. E' guarnecido dos lados por duas camélias vermelhas.

Um véu preto graciosamente colocado serve-lhe também de guarnição. E' para notar que êste ano já se veem os véus cobrindo a cara tôda, tanto os que são colocados soltos como êste, como também colados à cara e pregados na nuca, como há anos se usaram. A moda é um círculo vicioso.

Receitas de cozinha

Figado de porco assado e guisado: Toma-se o figado, limpa-se da membrana que o cobre, polvilha-se com sal fino e assa-se no espêto.

Numa caçarola, deita-se um pouco de gordura da membrana que envolve as tripas do porco, miùdamente picada, leva-se ao lume e, depois de derretida, juntam-se-lhe rodas de cebola e quando começam a aloirar, tempera-se com sal, vinagre, uma pitada de especiarias mixtas em pó, e, um dente de alho pisado.

Quando os temperos estão bem ligados, deita-se na caçarola o figado assado, deixa-se ferver durante pouco tempo junta-se-lhe sumo de laranja e serve-se sôbre fatias de pão, fritas em gordura de porco, enfeitando a travessa com ramos de agriões, e rodelas de laranja. O môlho deita-se sôbre o figado e as fatias.

De mulher para mulher

Alda: — É a primeira vez que vejo uma rapariga hesitar entre o escolhido do seu coração e a escolha raciocinada de seus paes, daquele que ha-de ser o companheiro da sua vida. E' sempre difícil dar conselhos nêsse sentido, mas no seu caso torna-se mais fácil. Escolha o protegido de seus pais, deve dar mais garantias de felicidade, o outro não é o escolhido do seu coração, se o fosse não hesitava.

Violeta: — Têm na verdade razão, em Paris o «chic» são os chapéos de feltro, mas entre nós ainda não começou o verdadeiro calor e quando ele é forte, os feltros são um martírio, por isso aconselho-a a que compre um chapéo grande de palha, o calor começa a fazer-se sentir.

Supersticiosa: — Por amor de Deus não diga a ninguem que o é, isso nesta época de esclarecida inteligencia, e numa pessôa instruida como a sua carta o revela, é incompreensivel, só se explicando por um estado doentio dos nervos. Não creia nessas coisas, são coïncidências, a que os espiritos doentios ligam uma demasiada importância.

Higiene e belesa

Inumeras senhoras se queixam de ter a pele do rosto desfeiada, por borbulhas que lhe dão um aspecto pouco agradável, Quási tôdas estas senhoras têm o ideal de se curar por meio de crémes e cosméticos, que só pódem dar resultado como tratamento auxiliar.

Em geral estas borbulhas demonstram um estado geral pouco satisfatório, é necessário tratar essa pequena intoxicação que a pele acusa.

A ginastica e a vida ao ar livre estão naturalmente indicadas para estas pessôas, que antes de tudo necessitam desintoxicar o organismo.

A alimentação tem de ser também muito cuidada, pouca carne e muita hortaliça e fruta. E' preciso beber muita água. E como complemento alcool de manhã e à noite nas borbulhas para as desinfetar e um pouco de pomada de óxido de zinco. Com êste regime e êste tratamento o mal desaparece rapidamente.

O cinema

O cinema têm na vida moderna um dos primeiros logares. Pelo cinema nós vivemos no passado, no futuro e no presente. A nossa imaginação ajudada pelos olhos, faz-nos viver episodios passados há séculos, e faz-nos prever nos filmes futuristas, o que sérá a vida de aqui a anos, embora a previsões sejam sempre dificeis de fazer.

Zola no seu livro «Rome» fez a predição da decadencia completa de Roma, da sua falta de população, que, não lhe permitiria acabar o seu bairro novo dos «Prati di Castello» e Roma tem hoje à sua volta uma extensão três vezes maior do que a Roma dêsse tempo, e uma civilisação cada vez mais perfeita, sem falarmos da sua preponderancia espiritual.

Mas, voltando ao cinema e à sua influência, temos de concordar, que se póde ser benéfica, ela póde também ser muito prejudicial e todo o cuidado é pouco da parte dos dirigentes para conseguir evitar a terrível propaganda que o cinema póde fazer, tanto no campo da política, como no da moral.

E' preciso o maior cuidado com êsses filmes, escola de ladrões que a América exporta, como que num desejo de fazer conhecer a todo o mundo a miséria moral que devasta a sua população que tanto se resente da emigração mundial de bandidos.

Esses filmes tão apreciados do público de garotada dos cinemas pequenos de bairro, fazem um mal incalculavel, nessas pequenas almas, sem formação moral.

O mesmo acontece com certos filme de aspecto sentimental, mas de moral mais que duvidosa, que deixam o seu germen do mal nas almas incautas das raparigas sentimentais, que apesar de tudo o que se diz ainda existem.

O cinema é um grande instrumento de educação, mas se não fôr devidamente vigiado torna-se um perigosissimo elemento na sociedade moderna, já tão corrompida.

As mãos

A mulher de hoje compreendeu todo o encanto da mão e a sua influencia misteriosa na vida. A mão tem as suas feições e há mãos bôas e mãos más, há as mãos que têm uma expressão absolutamente simples e ingenua e mãos que impressionam, pela sua expressão de perversidade.

A mulher moderna adora como uma idólatra as suas mãos e adorna-as como preciosos idolos, Nunca as luvas fôram tão requintadas, as rendas adornam-nas e as peles finas tingidas de várias côres, vestem essas mãos onde os magos lêem o futuro nas linhas da mão que a sua palma oculta.

Os aneis mais raros adornam os afeiados dêdos com o fulgor estranho das pedrarias e as unhas pintadas a vermelho, a doirado, a todos os tons da opala, tornam as mãos agressivas e quási antipaticas, pòem uma nota de irreal, na mão da mulher. A par dessas, há as santas mãos sem aneis, que se dedicam apenas a tratar dos doentes, a fazer o bem e a minorar os males da pobre humanidade que sofre.

A tatuagem

Escapou de boa, o sr. David S. Oppermann, campeão de tatuagem nos Estados-Unidos e foi justamente por causa das tatuagens de que tem o corpo coberto dos pés à cabeça que poude escapar ao maior perigo que jàmais correu na vida.

David Oppermann, que adora as viagens, encontrava-se, há dois anos (1934), nas ilhas Filipinas. Um dia, achou-se não sabe como, no meio duma tribu de antropófagos, os quais resolveram pô-lo imediatamente ao lume a cozer. Tiraram pois para êsse efeito, todo o fato ao americano, mas depois dêste despido, os pretos ficaram, de tal modo, surpreendidos ao verem aquela pele coberta de desenhos variados e misteriosos, que se prostraram de joelhos diante dele, gritando:

— E's o nosso chefe! E's o nosso chefe!

Oppermann tornou-se portanto, à fôrça, chefe da tribu. Mas tinha de andar sempre nú, fôsse qual fôsse a temperatura. Aceitou, bem entendido, não lhes restando por onde optar. E mais valia, decerto, o frio que o calor do caldeirão.

No fim de alguns meses conseguiu fugir. Agora, retomou as suas ocupações em Baltimore, onde lhe chamam «o homem que não foi comido!...»

E daí — quem sabe? — talvez fôsse um bem para os antropófagos que poderiam sofrer perturbações no estômago com as anilinas da tatuagem.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Aviz Hotel

As elegantes festas de caridade em que tomaram parte distintos amadores que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Branca de Atouguia Pinto Basto, condessa de Hennezel, condessa de Vale de Reis, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Luiza Faro e Oliveira, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Inacia de Castelbranco, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, D. Maria Teresa de Lancastre Ferrão, D. Manuela Correia da Cunha, D. Sara da Mota Vieira Marques, sr.ª de Lorent, e D. Sofia de Buzaglo Abecassis, que efectuaram no Avis Hotel, nas noites de 23 e 30 de Junho último e 9 do corrente, tendo a primeira sido nos jardins do hotel cujo programa foi composto de danças e cantos regionais portugueses, e as duas últimas, no salão de mesa, com a exibição de um sensacional programa de «Music-hall», ensaiados os cantos pelo distinto compositor e artista Armando da Câmara Rodrigues e de dança pela professora e bailarina Ruth Aswin, a quem se deve em grande parte o êxito do belo programa, em que salientamos dos primeiros os «coros portugueses» a cinco vozes, acompanhados a guitarra, viola, piano e harmonium por distintos amadores em que figuravam duas gentis senhoras, D. Maria Tereza de Lancastre Ferrão e D. Maria Luiza Cardoso d'Orey, respetivamente tocaram guitarra e viola e do segundo a «dança do cisne» por D. Maria Domingas Luiza de Sousa Coutinho, que deu um verdadeiro realce a essa linda página, tendo atitudes que estou certo de que uma autêntica bailarina não interpretaria melhor. «Dança escossesa» por D. Maria Luiza Cardoso d'Orey e António de Brito e Cunha, de um ritmo agradabilíssimo, a que os intérpretes deram extraordinário relêvo, e finalmente a «valsa Sangre Vienense» em que tomaram parte oito pares, número de belo aspecto coreográfico, que foi sem dúvida o «clou» da noite, pela forma brilhante como foi marcado.

Todos os números do programa foram muito aplaudidos pela selecta assistência, sendo obrigados a bizar; dos aplausos também compartilharam os ensaiadores, que como dizemos em cima, foram os seus incansáveis esforços que concorrerem para o êxito da linda festa de caridade, cuja comissão deve estar plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto artístico, como financeiro e sobretudo mundano.

No final das três festas, houve baile até de madrugada, sempre num crescente de animação.

Tarde de Cinema

Damos em seguida a nota da receita e despesa da festa de caridade que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade levou a efeito no teatro Politeama na tarde de 2 de Maio passado, a favor das escolas para crianças pobres da freguezia de S. Mamede.

Receita: 5.604$60; Despeza, 1 285$00; Líquido, 4.319$60.

No Odeon

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no Odeon, cedido gentilmente pela empreza Vicente Alcântara, uma encantadora festa de caridade, na tarde 28 de Maio passado, a favor das crianças pobres da freguesia das Mercês, recebemos, com o pedido de publicação a nota da receita e despeza da mesma festa.

Despeza: No cinema, 550$00; Música, 65$00; Gorgetas, 25$00; Pastelaria, 40$50; Afinação do piano, 45$00; selos, papel e miudezas, 120$75; Flores, 60$00; Total, 906$25; Receita, bilhetes vendidos, 3.162$50; Venda de bolos e programas, 349$90; Donativos, 30$000; Total, 3.442$40; Líquido, 2.536$15.

No Politeama

Recebemos, com o pedido de publicação, da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no teatro Politeama, as três récitas de caridade, por distintos amadores pertencentes à nossa primeira sociedade, e cujo produto se destina a favor da Casa de Proteção e Amparo de Santo António, e que tanto êxito obtiveram, balancete das récitas:

Receita: 55.521$10; Despeza, 24.460$40; Saldo entregue á Casa de Proteção e Amparo de Santo António: 31.060$70.

Em Queluz

O parque do Palácio de Queluz, residência que foi da Rainha D. Carlota Joaquina e de El-Rei D. João VI, viveu na tarde de «Garden-Party» oferecido pelo sr. dr. Francisco Vieira Machado, ilustre ministro das Colónias, e por sua esposa, a sr.ª D. Maria do Carmo Contreiras Machado, em honra dos delegados à primeira conferência económica do Império Colonial, horas que nunca mais se apagarão da memória de todos aqueles que a êle assistiram.

Essa encantadora festa já foi descrita debaixo de todos os aspectos, apenas faltava a mundano, é o que hoje vamos fazer, e é a nossa opinião pessoal que aqui como cronista mundano queremos deixar bem vincada.

O aspecto do parque de Queluz, nessa tarde, em que se notava na assistencia tudo que de melhor conta a nossa velha aristocracia, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu a policromia dos elegantes vestidos das senhoras que punham um contraste flagrante nos tons escuros da indumentária masculina.

Tanto o largo onde se erguia o estrado destinado à dansa, junto aos jardins de buxo, como o destinado a servir de salão de meza junta da cascata grande, mezas que se encontravam engalanadas de verdura e flôres, que denotavam o fino gôsto artístico da sr.ª D. Maria do Carmo Contreiras Machado, espôsa do ilustre ministro, e que foi uma colaboradora incansavel em tôda a organisação dessa festa, que ficará decerto memoravel nos anais mundanos, como uma das mais brilhantes dos últimos vinte seis anos, não só pelo extraordinário colorido, que lhe imprimiram, como sôbretudo pela sua aristocrática frequência.

Para terminar, não podemos deixar de felicitar o sr. dr. Francisco Vieira Machado e sua espôsa, a sr.ª D. Maria do Carmo Contreiras Machado, pela linda festa que proporcionou aos seus numerosos convidados, que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que ali passaram.

Casamentos

Na paroquial de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.ª D. Izaura Belmira Carmona Lourenço, interessante filha da sr.ª D. Rosalina Carmona Lourenço e do sr. Manoel Lourenço com o tenente sr. Abel de Castro Roque, filho da sr.ª D. Adélia de Castro Roque e do sr. José da Conceição Roque, já falecido, servindo de madrinhas a sr.ª D. Belmira Pereira Lourenço Domingues e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. brigadeiro Júlio Pereira Lourenço e dr. Francisco António Barbosa Godinho.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Alberto José, foi pedida em casamento pelo sr. Alberto Ferreira Maia, a sr.ª D. Maria Antónia de Souza Franco Leitão, gentil filha da sr.ª D. Antónia de Souza Franco Leitão e do sr. Raul Martins Leitão.

— Pela sr.ª D. Helêna Maria Lopes Novo Bartolomeu, espôsa do sr. João José Frederico Bartolomeu, foi pedida em casamento para seu filho Francisco Manoel Frederico, a sr.ª D. Ana de Lourdes Alua de Castro Simas, gentil filha da sr.ª D. Inês Catarina Travassos Alua de Castro Simas e do sr. José Maria de Castro Simas.

— Com muita intimidade realizou-se na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Alexandre Correia, interessante sobrinha da sr.ª D. Maria da Costa Lima e do comendador sr. Francisco da Costa Lima, com o sr. Manoel Godinho Barata, filho da sr.ª D. Alda Mourisca Godinho Barata e do major de cavalaria e médico veterinário sr. dr. Vitorino Gama Barata, tendo servido de madrinhas a tia da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos o tio da noiva e o avô do noivo sr. José Godinho.

Terminada a cerimónia foi servido um finissimo lanche, na elegante residência dos tios da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Viana Costa, gentil filha da sr.ª D. Ofélia Viana Costa e do falecido engenheiro sr. Raul José Viana Costa, com o tenente sr. Artur Rodrigues Matos, tesoureiro da Polícia de Segurança Pública, tendo servido de padrinhos os srs. major Luís Pinto Lelo e o dr. Guerra Pedrosa.

D. Nuno.

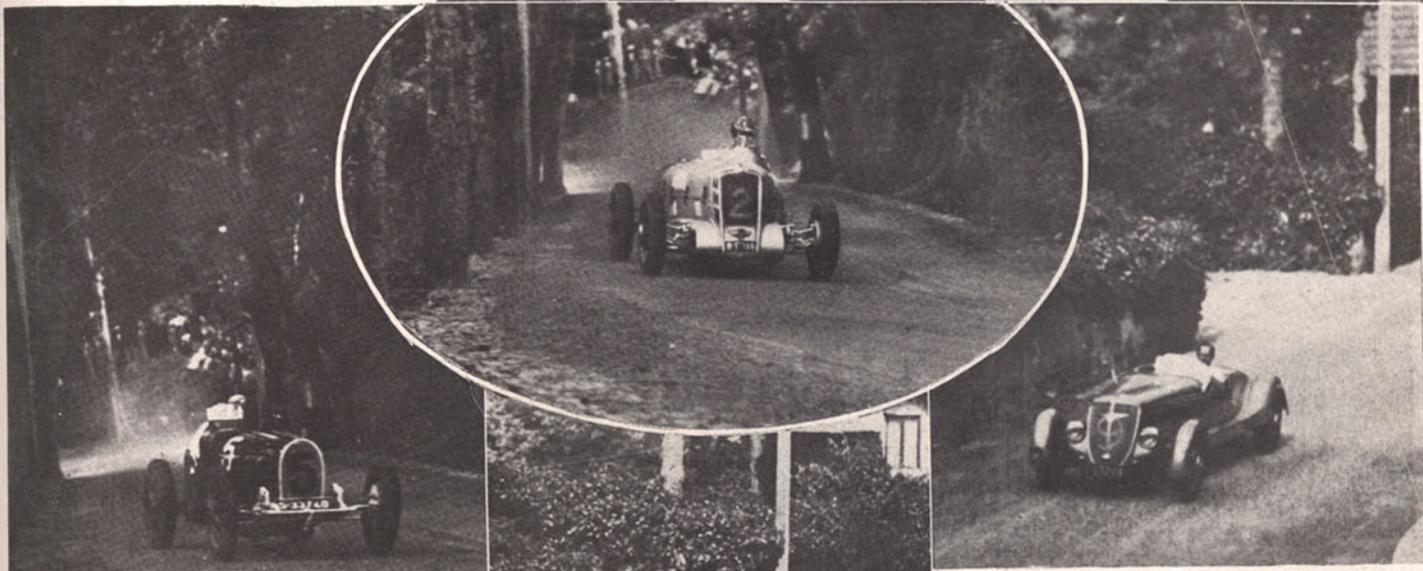
Casamento da sr.ª D. Izaura Belmira Carmona Lourenço, com o tenente sr. Abel de Castro Roque, realizado na paroquial de S. Mamede. Os noivos e convidados saindo da igreja

(Fot. Melo).

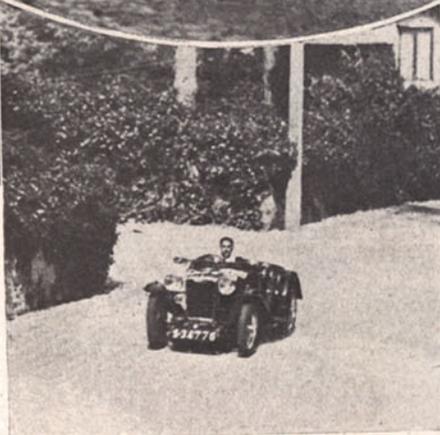
ACTUALIDADES DA QUINZENA

Na Academia de Amadores de Música

A ilustre artista lírica D. Hermínia Alagarim realizou na Academia de Amadores de Música a sua audição anual de discípulos que obteve os mais calorosos aplausos da numerosa assistência. Pertencente a uma família de ilustres músicos portugueses, esta notável professora de canto conseguiu realizar as suas mais gratas aspirações artísticas.

A nossa gravura representa a ilustre professora de canto rodeada das suas discípulas.

Corrida da I Rampa da Pena

ORGANIZADA pela Comissão de Iniciativa de Sintra, com a colaboração técnica do Automóvel Club de Portugal, foram disputadas as corridas da I Rampa da Pena, tendo afluído grande número de concorrentes nas duas categorias (sport e corrida).

As provas decorreram com regularidade, havendo, no entanto, a lamentar o desastre sucedido ao sr. Harry Rugeroni que, chocando com um poste, fracturou um braço.

As quatro gravuras que publicamos representam fases dessa prova audaciosa.

A taça "Comissão de Iniciativa" coube a Eduardo Ferreirinha, vencedor absoluto da categoria "Corrida" e da I Rampa da Pena.

O vencedor absoluto da categoria "Sport" foi Diogo Passanha que ganhou a taça "Câmara Municipal de Sintra".

Festas no Casino do Estoril

NEM só a rua pròpriamente dita festejou os Santos Populares de Junho. A nossa melhor sociedade também os festejou no Casino do Estoril. Quando mais não fôsse, bastaria a presença do Orfeão de Lisboa, sob a regência do maestro Hermínio do Nascimento, ou do agrupamento da Canção Regional Lusitana, dirigido pelo maestro Vasco de Macedo, para dar vida e animação aos festejos. As nossas gravuras representam o aspecto do baile da noite de Santo António e a apresentação do Orfeão Académico de Lisboa na festa "Coimbra dos Estudantes". Por aqui se avalia o que teriam sido estes grandiosos festejos.

FIGURAS E FACTOS

No centenário de Ampére

O ilustre pintor João Reis, tão irrequieto como o mar e tão inspirado como os artistas da única e inconfundível escola da beleza, acaba de executar uma cópia do retrato do famoso físico Ampére, cujo centenário acaba de ser comemorado em todo o mundo.

Corpore sano

ESTA gravura, representando uma interessante demonstração de esgrima no Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito, patenteia bem o grau de aplicação dos alunos e a proficiência dos mestres dêste modelar estabelecimento de ensino. Além da educação espiritual que recebem os internados desenvolvem a robustez do seu físico, tornando-se úteis à Pátria e à sociedade. Se é certo que os herois já trazem do berço o fogo sagrado que os anima, não é menos certo que a educação que recebem os aperfeiçoa e engrandece.

Arte moderna

O ilustre pintor Abel Manta, entre tantas maravilhas saídas do seu pincel, apresentou na II Exposição de Arte Moderna, um magnífico retrato do dr. Augusto d'Esaguy. Pintar como Abel Manta pinta é ser moderno, é ser querido e sempre apreciado.

D. Plácida Osório

«A morte da duquesinha» — última produção da ilustre escritora D. Plácida Osório não será, temos a certeza, o *canto do cisne*, como a autora pretende visionar no prefácio que elaborou em poucas linhas. A sr.ª D. Plácida Osório ainda há-de dar-nos o prazer de mais obras inspiradas como êste poema histórico que nos encantou pela sua singeleza. As suas páginas harmoniosas soam como um delicioso hino de ternura.

Eunice Paula

«ÁGUIAS LUSITANAS» é o livro que a talentosa escritora Eunice Paula dedica aos mortos da Aviação Portuguesa. Pretende a autora escrever páginas de glorificação onde os aviadores mortos revivessem em beleza — e conseguiu-o inteiramente. A sua alma, elevando-se em estado de graça, vai numa fervorosa romagem através das regiões de encanto e sonho que a sua pena inspirada tão deliciosamente nos descreve.

Dr. Sousa Costa

«MISS SÉCULO XX», que o dr. Sousa Costa acaba de publicar, é um romance, verdadeiramente moderno; é tratado, superiormente, o conflito de duas civilizações, da livre América e da velha Europa. A efabulação, simples e atraente, assinalada por cênas de emoção, descritivos de paisagem e de costumes, episódios de humorismo, remata num belo lance dramático, que marca bem o poder de realização do ilustre autor do «Fruto Proibido». Se outros livros não tivesse, bastaria êste para consagrar um escritor. Ora, o dr. Sousa Costa tem dezenas de belas obras.

Salema Vaz

SALEMA VAZ, o poeta delicioso das «Rosas» e dos «Beijos», publicou agora as «Lendas da Rainha Santa», num volume de versos encantadores que têm o condão de acompanhar fielmente a tradição, exaltando a bondosa espôsa de D. Diniz. Se as rosas que a santa entremostra na sua abada bendita, se transformassem em versos, dariam um livro tão belo como êste que estamos lendo.

Conferência Económica do Império

Os Pupilos do Exército

Os delegados à Conferência Económica do Império ofereceram no Grémio Alentejano um banquete de homenagem ao sr. dr. Francisco Vieira Machado, ilustre ministro das Colónias. Discursaram os srs. engenheiro Vicente Ferreira, dr. Francisco Leite Duarte e coronel Lopes Galvão, tendo, por fim, o homenageado agradecido num brilhante discurso em que brindou por todos os delegados, pelas suas prosperidades e pelos bons resultados dos trabalhos da Conferência Económica do Império, em que se empenharam com grande patriotismo.

O sr. Presidente da República inaugurou a exposição de trabalhos escolares no Instituto Profissional dos Pupilos do Exército. Após uma demorada visita à aula das máquinas e electrotecnia, o Chefe do Estado teve palavras de louvor para todos os instrutores dêste modelar estabelecimento de ensino, e conselhos de perseverança para todos os alunos, incitando-os a bem merecerem do generoso auxílio que lhes está sendo prestado no dealbar da sua mocidade, a fim de se tornarem bons portugueses, úteis à Pátria que tão carinhosamente os acolheu.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 62

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

Sidónio de Carvalho — Luanda. — Muito grato pela sua carta de 3 do passado, charadas e lista de decifrações.

Quanto aos seus trabalhos, muito agradeço ao prezado confrade a fineza de, em futuras remessas, não empregar nêles *nomes de árvores, aves, plantas, peixes*, etc., porque são géneros de charadas condenadas e dispensáveis e só servem para dar cabo da cabeça do decifrador — e, francamente, a língua portuguesa é tão rica em sinonímia que o charadismo dispensa completamente êsses daninhos artifícios. Porque não colaboram outros confrades daí na «Ilustração»? Não poderá o confrade fazer com que se realize êsse «milagre»?

Esperamos que não levará a mal as nossas palavras e antes veja nelas o grande desejo que nos anima de fazer sòmente bom charadismo. Aguardamos novas remessas de charadas.

APURAMENTOS

N.º 53

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA
N.º 19

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 22, Padre Matos

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos
Alfa-Rómeo, Fiá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Capitão Terror.

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 21. — Ti-Beado, 20. — Salustiano, 19. — Rei Luso, 19 — Só-Na-Fer, 18. — Só Lemos, 18. — Sonhador, 18. — João Tavares Pereira, 18 — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 16.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 10 — D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 8.

DECIFRAÇÕES

1 — Regra-grado-regrado. 2 — Diva-vagar-divagar. 3 — Aba-bafo-abafo. 4 — Sobrecarregar. 5 — Paródia. 6 — Malcozinhado. 7 — Seu-vizinho. 8 — Atroada. 9 — Cantata-canta. 10 — Canibal-cabal. 11 — Fígado-fido. 12 — Rugido-rudo. 13 — Achaque. 14 — Teca (TK). 15 — *Excídio*. 16 — Abas-bastar-abastar. 17 — Urra-raca-urraca. 18 — Aba-bafo-abafo. 19 — *Arcano*. 20 — Recontro-retro. 21 — Caqueiro-caro. 22 — Púcara-pura. 23 — A boa guerra faz a boa paz.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Cheguei-me a esta *espécie de taficira* para ver a *enxada*, quando ouvi uma *gargalhada*. 2-2 (3).

Luanda — *Dr. Sicuscar (L. A C.)*

2) O amor no «*passado*» era um *engano!* Os nossos avós não faziam a menor «*idéia*» do que era amar... (2-2) 3.

Leiria — *João Ninguém*

3) Para uma *professora* ser boa deve seguir o *rasto* do mais *hábil mestre*. 2-2 (3).

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

NOVÍSSIMAS

4) Conheço um *rapaz que*, depois de arruinado, foi viver debaixo de uma *árvore leguminosa do Brasil*. 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

5) *Para* que é que você *aspira* ser grande se isso o põe num *estado de agitação moral?* 1-2.

Leiria — *Magnate (L. A. C)*

6) Uma *cavalgadura muito magra não* pode ser *do Peru*. 3-1.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

7) Num *atalho* deparei com um veículo «*todo*» partido. 3-2.

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

8) É muito *escuro* êste *lugar!* 3-2.

Lisboa — *Moreninha*

9) Grande *burzigada* se encontrou na *lura*. 3-2.

Lisboa — *Stop (G. dos Verdes)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

10) À prima junte mais dez,
Fica o entrecho completo,
Decifrará sem canseira
Percorrendo o *alfabeto*.

Tôrres Vedras — *Alfa & Ómega*

TRABALHOS DESENHADOS

18) ENIGMA FIGURADO

LOGOGRIFO

11) *A família* — a minha gente, — 1-6-4
É uma casa bem singela,
Vive lá tudo contente,
Não há outra como ela.

Três somos hoje sòmente — 3-4-5
— Humanos, bem entendido...
Haveria, sim, mais gente,
Se não tivesse morrido!

Fica a *criada* incluída — 2-5-6
Nesta trindade sagrada,
Que só será dissolvida
Em época anunciada,

Quando *algum* de nós morrer, — 3-2-1
Isto é, quando estoirar...
Ou se, também pode ser,
A sopeira se casar...

Que amargura se assim fôr!
Que triste desolução!
Adeus casa, adeus amor,
Acabou a *adoração!*

Lisboa — *João Ninguém.*

MEFISTOFÉLICA

12) O grande *acontecimento*,
Que já começa a *constar*,
É que a filha do sargento,
A «*Ema*», se vai casar (2-2) 3.

Lisboa — *Miss Diabo*

NOVÍSSIMAS

13) Que o meu *pé grande* te irrita, — 2
Porque *bate* de maneira — 1
Que te deixa sempre aflita!
— Porque dizes tanta *asneira?*

Lisboa — *Chim Pan Zé*

14) Mal *avista* o teu olhar — 2
— Meu eterno e doce encanto —
Fica de *dor* e penar — 1
O meu peito — dá *quebranto*...

Lisboa — *Mefistófeles*

15) O «*coração*» que me deste, — 3
Na volta da romaria,
Já não o quero, Maria,
Pelo mal que me fizeste.

Não creio no teu olhar,
Traiçoeiro e tentador,
É falso como o amor,
Sendo, embora, *singular*. — 1

Meu pobre peito suspira
Pelo teu constantemente,
Sê *generoso* e clemente,
— Também é nobre a mentira.

Lisboa — *Moreninha*

(À Yzinha)

16) Silêncio no caminho — noite fria...
A chuva se desprende dos espaços ... — 1
E lentos caminhamos entre abraços...
A luz dos nossos olhos inebria... — 1

Mal se distingue o som dos brandos passos...
Nada perturba a nossa letargia...
— Amados corações, essa alegria
E' glória de minutos bem escassos...

Cessou o nosso sonho — solidão!
Não sei se foram beijos se ilusão,
Mas sei que o peito sangra de sofrer!

Em mim a negra noite continua...
Sòzinho, indiferente, pela rua,
Ai que vontade eu tenho de morrer!

Lisboa — *Ziúl*

SINCOPADA

17) Teu coração *caprichoso*
A todos impõe vontade...
Um dia será forçoso
Perder essa *autoridade*. 3-2.

Lisboa — *Lord X*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

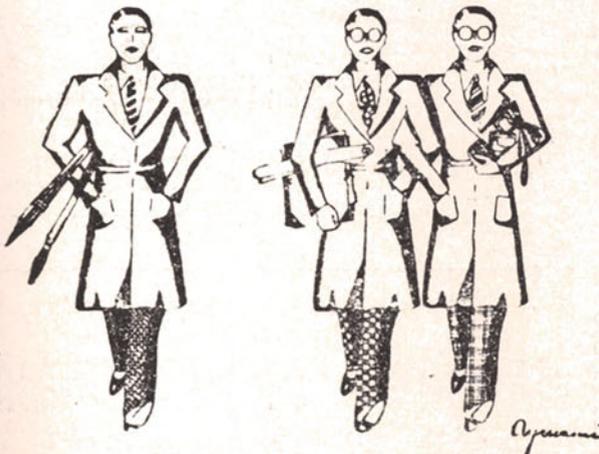
FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

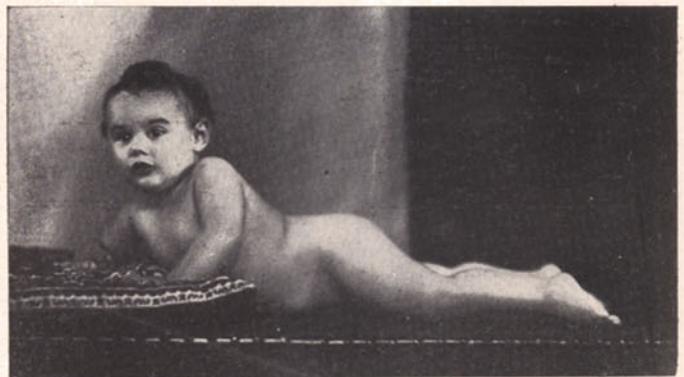
Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 21368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

CONFIANÇA

Só a pode merecer um produto de comprovado valôr

■

FARINHA LACTEA

NESTLÉ